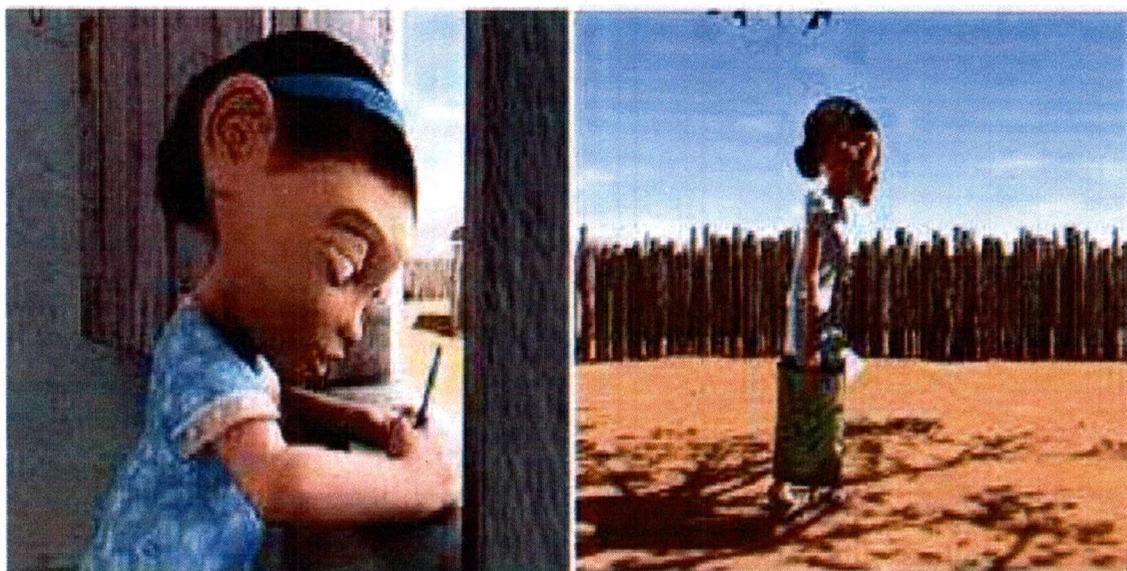




UNIVERSIDADE ESTADUAL DO MARANHÃO - UEMA
CENTRO DE EDUCAÇÃO CIÊNCIAS EXATAS E NATURAIS – CECEN
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA – DHG
CURSO DE GEOGRAFIA LICENCIATURA

ANAILDES DA SILVA CANTANHEDE



www.overmundo.com.br/overblog/maria-vai-com-as-outras

LINGUAGEM FILMICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: Um estudo de caso com o filme “Vida Maria”

SÃO LUIS – MA

2021

ANAILDES DA SILVA CANTANHEDE

LINGUAGEM FILMICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA: um estudo de caso com o filme “Vida Maria”

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão como requisito parcial para o grau de licenciada em Geografia.

Orientadora: Profa. Dra. Iris Maria Ribeiro Rocha.

SÃO LUÍS

2021

Cantanhede, Anaildes da Silva.

Linguagem fílmica no ensino de geografia: um estudo de caso com o filme "Vida Maria" / Anaildes da Silva Cantanhede. – São Luís, 2021.

77 f

Monografia (Graduação) – Curso de Geografia Licenciatura, Universidade Estadual do Maranhão, 2021.

Orientador: Profa. Dra. Iris Maria Ribeiro Rocha.

1.Linguagem fílmica. 2.Ensino de geografia. 3.Recurso didático. I.Título.

CDU:

ANAILDES DA SILVA CANTANHEDE

**LINGUAGEM FILMICA E A SUA RELAÇÃO COM O ENSINO DE GEOGRAFIA:
um estudo de caso com o filme “Vida Maria”**

Monografia apresentada ao Curso de Geografia da Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, como requisito parcial para obtenção de grau de Licenciada em Geografia.

Aprovada em: 03 / 08 / 2021

BANCA EXAMINADORA

Iris Maria Ribeiro Porto

Profa. Dra. Iris Maria Ribeiro Rocha
Dra. em Ciências Sociais – UFPA
Universidade Estadual do Maranhão
(Orientadora)

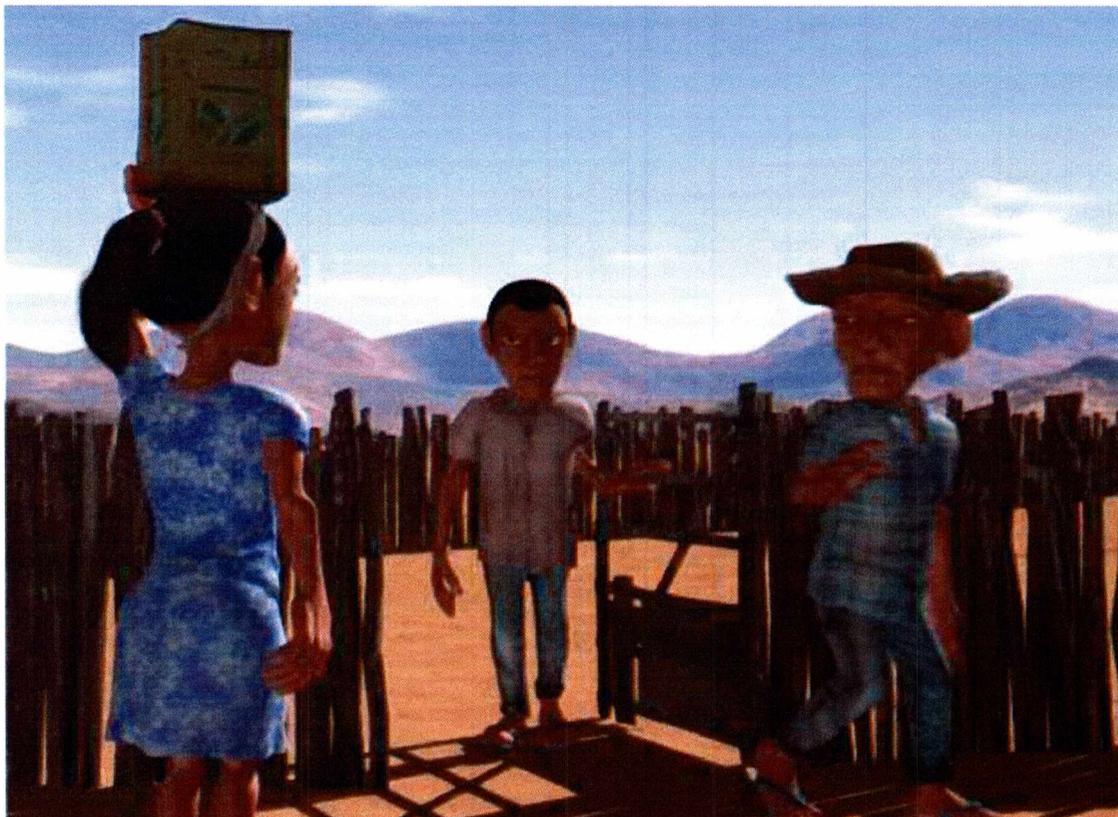
Iris Maria Ribeiro Rocha

Prof. Dr. José Sampaio de Mattos Junior
1º Examinador
(UEMA)

Stanley Braz de Oliveira

Prof. Dr. Stanley Braz de Oliveira
2º Examinador

Prof. Dr. em Geografia pelo Programa
de Pós-Graduação em Geografia (PROP GEO)



https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4

Para meus pais, Hilda Gonçalves e
Benedito Cantanhede.

AGRADECIMENTOS

A Deus, e aos meus pais, Hilda Gonçalves e Benedito Cantanhede, por tudo que fizeram e fazem por mim. Obrigada! sei que o auxílio e motivação de ambos me conduziram até a Universidade Estadual do Maranhão – UEMA, lugar que pude desfrutar de vários momentos preciosos de conhecimentos e experiências inimagináveis.

Aos meus irmãos, Marta Cantanhede e Mateus Cantanhede, que se fazem presentes em minha vida e em meus pensamentos, e hoje, compartilham comigo de tamanha alegria.

A minha orientadora Profa. Dra. Iris Maria Ribeiro Rocha, por toda orientação neste trabalho, seu profissionalismo, paciência e suas preciosas contribuições foram essenciais para a realização deste estudo. Tens meu respeito e gratidão.

Aos professores do curso de Geografia Licenciatura da UEMA, meus sinceros agradecimentos. Carrego em minha memória deliciosas lembranças de motivação, descontração, desafios e criatividade na qual tive o privilégio de experimentar.

Ao professor e Geógrafo Ribamar Carvalho que durante minha caminhada pelo ensino fundamental e ensino médio, contribuiu imensamente para o meu aprendizado, período em que, o cursar geografia tratava – se apenas de um sonho, que no decorrer do tempo, tornou – se realidade.

Aos meus amigos, Chirlene, Daniela e Gabriel, por compartilharem comigo seus conhecimentos, amizade e cumplicidade.

Ao Grupo de Estudos de Dinâmicas Territoriais - **GEDITE**, coordenado pelo Professor Dr. José Sampaio de Mattos Junior, o qual agradeço pelos encontros de discussões e debates proporcionados para a construção e socialização de conhecimentos.

A todas as pessoas que contribuíram com palavras, abraços, gestos e entre outros significados para realização desse sonho. Acredito que muitas lembranças ficarão eternizadas em minha mente e em meu coração.



<https://escoladigital.org.br/odas/sintese-do-filme-vida-maria-com-o-planejamento-educacional-45752>

Maria, Maria é um dom,
uma certa magia,
uma força que nos alerta...
Maria, Maria (Milton Nascimento)

RESUMO

Este é um estudo sobre a utilização da linguagem fílmica como recurso metodológico para a educação geográfica. Utiliza o curta-metragem em 3D, “Vida Maria”, produzido pelo animador gráfico Márcio Ramos, 2006. O filme conta uma envolvente história de uma menina chamada “Maria José”, com cinco anos de idade. A história inicia – se com ela em um banquinho de madeira no sitio de casa com um semblante radiante aprendendo a escrever, mas devido as circunstancias na qual a personagem encontra – se inserida, ela abandona os estudos dedicando – se nos afazeres domésticos. “Maria José” passa pela infância, adolescência, fase adulta e depois envelhece e o ciclo continua a se reproduzir nas outras Marias como suas filhas, netas e bisnetas. A partir deste instrumento, este trabalho tem a assertiva de que usar recursos pedagógico diferentes dos tradicionais no ensino de geografia, potencializa a construção de conhecimentos das temáticas geográficas. Utiliza como método o Histórico - dialético, como tipo de pesquisa segundo os objetivos a Exploratória. A coleta dos dados foi feita através da ferramenta *Google Forms*. Quanto aos procedimentos técnicos de análise dos dados configurou – se numa pesquisa Qualitativa. Faz uso de materiais bibliográficos de autores que dialogam sobre a linguagem fílmica e o ensino de geografia. Apresenta como resultado dados que confirmam que existe um quantitativo expressivo de professores que reconhecem nos filmes um recurso pedagógico e que costumam fazer uso deste em sala de aula. Conclui - se que o filme “Vida Maria” traz elementos consideráveis para se refletir sobre assuntos geográficos, assim como a vida e trabalho do homem no território, considerando o ciclo de padrões observados nessa conjuntura familiar e que permitem reflexões nos aspectos, culturais, simbólicos e socioeconômicos.

Palavras-chave: Linguagem fílmica. Ensino de geografia. Recurso didático.

ABSTRACT

This is a study on the use of film language as a methodological resource for geographic education. It uses the 3D short film “Vida Maria”, released in 2006, produced by graphic animator Marcio Ramos. The film tells the gripping story of a five-year-old girl named “Maria José”. The story begins - with her on a wooden stool at home with a radiant face learning to write, but due to the circumstances in which the character finds herself - if she is inserted, she abandons her studies to dedicate herself - to household chores. “Maria José” goes through childhood, adolescence, adulthood and then ages and the cycle continues to reproduce itself in other Marias such as her daughters, granddaughters and great-granddaughters. From this instrument, this work has the assertion that using pedagogical resources different from the traditional ones in the teaching of geography, enhances the construction of knowledge on geographic themes. It uses the dialectical-historical method, as a research modality in accordance with the exploratory objectives. The data collection was done using the Google Forms tool. As for the technical procedures of data analysis, it was configured as qualitative research. It makes use of bibliographic materials from authors who speak about the language of cinema and the teaching of geography. As a result, it presents data that confirm that there is a significant number of teachers who recognize films as a pedagogical resource and who usually use it in the classroom. In conclusion, the film “Vida Maria” brings elements considered to reflect on geographical issues, as well as the life and work of men in the territory, considering the cycle of patterns observed in this family context and which allows reflections on cultural, symbolic and socioeconomic aspects.

Keywords: Filmic language. Teaching geography. Didactic resource.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1- A personagem escrevendo seu nome “Maria José”.....	51
Figura 2 - Paisagem do sertão Nordestino no filme “Vida Maria”	53
Figura 3 - Casa da família.....	55
Figura 4 - Maria José trabalhando sob a luz do sol.....	56
Figura 5 - Maria José grávida socando milho no pilão	58
Figura 6 - Maria Aparecida.....	59
Gráfico1- Professores que costumam utilizar filmes nas aulas de geografia	61
Quadro 1 - O uso dos filmes pelo professor de geografia.....	62
Gráfico 2 - Gêneros cinematográficos nas aulas de geografia	63
Gráfico 3 - Quantitativo de professores que já ouviram falar no filme “da Maria”	64
Gráfico 4 - O filme vida Maria na compreensão de assuntos geográficos.....	65
Quadro 2 - Dificuldades que impedem o uso de filmes no ensino de geografia.....	66
Gráfico 5 - Recursos didáticos para o ensino – aprendizagem dos estudantes.....	67

LISTA DE SIGLAS

ANA– Agência Nacional de Águas e Saneamento Básico

BNCC– Base Nacional Comum Curricular

CECEN– Centro de Educação Ciências Exatas e Naturais

DCTM–Documento Curricular do território Maranhense

GEDITE–Grupo de Estudos em Dinâmicas Territoriais

HQs–Histórias Em Quadrinhos

IBGE–Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INCE–Instituto Nacional de Cinema Educativo

MA–Maranhão

PNAD–Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio

SIICS–Simpósio internacional Interdisciplinar em Cultura e Sociedade

UEMA–Universidade Estadual do Maranhão.

UFJF–Universidade Federal de Juiz de Fora

UFMA–Universidade Federal do Maranhão

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS.....	20
3 A GEOGRAFIA E SEUS MODOS DE ENSINAR	23
3.1 Aproximações do cinema no ensino de geografia.	33
4 A LINGUAGEM FÍLMICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA	37
4.1 Sobre limites/ possibilidades para usar filmes no ensino de geografia.	45
5. O ENSINAR GEOGRAFIA A PARTIR DO FILME VIDA MARIA NARRATIVA E RECURSOS IMAGÉTICOS.....	50
5.1 Uma breve descrição do filme “vida maria”.....	50
5.2 A geografia no filme “vida maria”.....	51
6 . O QUE DIZEM OS PROFESSORES.....	60 Erro! Indicador não definido.
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	69
REFERÊNCIAS.....	71

1 INTRODUÇÃO

No período contemporâneo uma das discussões elencadas no cenário global refere-se ao avanço tecnológico. É perceptível a rapidez com que as informações se reproduzem pelos meios de comunicação de massa. Logo, contextualizando com a dimensão atual, Santos (2006, p.238) diz que “Estamos diante da produção de algo novo, a que estamos chamando de meio técnico-científico-informacional”. Compreende-se que, ao longo do tempo e das transformações, a Ciência Geográfica, assim como o ensino de Geografia, passa e continuará a passar por reestruturações significativas em determinados momentos da história geográfica de acordo com a evolução natural da sociedade e das cosmovisões de homem e de mundo. Essa realidade faz uma ruptura com o ensino de Geografia pautado num contexto descritivo, embora essa forma de ensinar ainda esteja presente em algumas realidades das salas de aula de Geografia, especialmente neste país de dimensões continentais, apesar de todas as reflexões atuais.

Há muito, os professores, insatisfeitos com o modelo tradicional e pouco produtivo de geografia escolar e pressionados pela necessidade de ensinar, educar e explicar a realidade que nos cerca, vêm buscando novos referenciais para construir suas aulas. (OLIVA, 2003 p.42).

Nessa direção, com as modificações que ocorreram com a revolução tecnocientífica, outras formas de linguagens foram ganhando espaço no ensino de Geografia. Em face dessa realidade, compreende-se a importância da instituição escolar, que exerce uma função primordial nessa era informacional. Na visão de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009), a escola exerce papel norteador ao incluir no seu seguimento as modalidades de linguagens momento em que o aluno tem a oportunidade de adaptar-se a novos saberes. Neste tocante, insere-se a linguagem cinematográfica no ensino geográfico que na visão de Duarte (2002 p.106) ajuda na compreensão de temas:

Analisar filmes ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar e, sobretudo, respeitar) a forma como diferentes povos educam/formam as gerações mais novas. É sempre um novo mundo, construído na e pela linguagem cinematográfica que se abre para nós quando nos dispomos a olhar filmes como fonte de conhecimento e de informação. (DUARTE 2002 p.106).

O professor, ao fazer uso da linguagem fílmica no contexto escolar, produz um momento privilegiado no qual pode desenvolver temáticas e estratégias de ensino-aprendizagem perpassados pela pluralidade cultural conforme sugerido pelo Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs). A leitura de um filme contribui com a reflexão geográfica de professores e alunos, geograficamente integram saberes no ensino e aprendizagem de estudantes trazendo à luz discussões concernentes ao próprio cotidiano social do educando. Coutinho, explana que o movimento do filme aflora emoções:

Ao colocar imagens e sons em movimento, o cinema, e cada filme em particular, faz aflorar as emoções, percebidas por meio dos sentidos, todos os sentidos, embora tocados pela visão e pela audição. O cinema propõe outras formas de percepção e, portanto, de construção de subjetividades. Cada um constrói a sua própria percepção e pode expressá-la em ambientes que favoreçam a troca de pontos de vista (COUTINHO, 2009, p. 05)

Entende-se, que por meio dos filmes, o sujeito pode ter várias emoções e percepções. Essa dinâmica de ideias e sentidos que os filmes possibilitam para a construção de conhecimentos ao mesmo tempo que pode ser simples para alguns estudantes quanto a interpretação, o envolvimento com a atividade no processo educativo, por outro lado para outros estudantes pode ser algo mais complexo, por isso, é importante a mediação do professor.

Para que haja uma boa interpretação das informações, gerando conhecimento para o estudante, o professor exerce papel fundamental como mediador entre o estudante e a informação recebida. Desse modo, ajuda-o a desenvolver sua capacidade de contextualizar as informações. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE, 2009). Ou seja, é notória a relevância do professor na mediação do conhecimento que é atribuído ao estudante mediante a maneira com que lhe é repassada as condições de construção de conhecimento sobre as temáticas que são trazidas pelo professor.

Cavalcante (2010), na mesma direção que Pontuschka, Paganelli e Cacete (Ib. id) enfatiza o pensar geográfico, e o quanto o estudante é beneficiado como cidadão quando ele se familiariza com questões que envolvem o mundo no qual ele se insere. Essas questões são perpassadas pela escala local, regional, nacional e mundial no contexto do ensino de Geografia. Nota-se a partir dessa assertiva, a importância de se compreender as escalas que são intrínsecas às relações que envolvem a leitura do mundo globalizado.

A Base Nacional Comum Curricular - BNCC (2017 p.359) “Para fazer a leitura do mundo em que vivem, com base nas aprendizagens em geografia, os alunos precisam ser estimulados a pensar espacialmente, desenvolvendo o raciocínio geográfico”. Em

conformidade ao que foi dito pela BNCC, cabe refletir também sobre a importância de atrelar ao ensino de Geografia, metodologias dinâmicas que possibilitem ao estudante compreender sobre o espaço geográfico e as diferentes realidades e contradições presentes no espaço e na natureza.

Hoje, existem vários recursos que são pensados e utilizados para ampliar o repertório de possibilidades no ambiente escolar. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 216) “Sob a denominação dos recursos didáticos, inscrevem – se vários tipos de materiais e linguagens, como livros didáticos, paradidáticos, mapas, gráficos, imagens de satélite, literatura, música, poema, fotografia, filme, videoclipe, jogos dramáticos”. Neste sentido, o filme representa uma das linguagens trabalhadas no ensino pelos professores, tornando-se uma ferramenta interdisciplinar. Barbosa (2003), aponta que essa é uma prática já utilizada pelos professores:

Os professores de geografia passaram a utilizar cada vez mais os filmes documentários e os de ficção nas suas aulas. Suprem, portanto, no âmbito da ciência geográfica, os esforços mais amplos de reflexão a respeito das possibilidades de fecundação mutuam entre a nossa disciplina científica e arte cinematográfica. (BARBOSA, 2003 p. 110).

Portanto, é importante lembrar que, não é de hoje as aproximações entre a geografia e a linguagem cinematográfica, pois ambas se tornaram eixos temáticos de discussão empregados por muitos autores e professores de Geografia. Desse modo, no cenário atual vários são os estudos e trabalhos científicos com abordagens voltadas para a utilização da linguagem fílmica no ensino geográfico. Nesse sentido, Fioravante (2018) explica que esse é um movimento que vai se ampliando:

Ao longo das últimas quatro décadas, ou seja, a partir de 1980, o interesse dos geógrafos pelo Cinema e por suas imagens em movimento vem crescendo expressivamente. Os trabalhos publicados na década de 1950 , marcos da primeira aproximação entre esses dois campos,[...] As discussões acerca da utilização dos filmes enquanto ferramentas pedagógicas, as representações que o Cinema cria, bem como, suas dinâmicas industriais são temáticas fortemente abordadas quanto observa-se a literatura sobre Geografia e Cinema já produzida. (FIORAVANTE, 2018, p. 273).

Diante do exposto, e com base no que foi dito pela autora, tem-se observado o empenho de muitos pesquisadores em trazer contribuições que possam ser exploradas no contexto escolar e fora dele. É importante ressaltar sobre a sanção da Lei nº 13.006 estabelecida em 26 de junho de 2014, no qual foi acrescentado ao Art. 26 da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996 § 8, que preconiza a exibição de filmes de produção nacional como integrante do componente curricular complementar integrado à proposta pedagógica da escola, sendo a sua exibição obrigatória de 2 (duas) horas mensais.

Fioravante e Nabozny (2019 p. 197-198) dizem que: “Filmes trazem questões sobre espaço e tempo, bem como acerca das contribuições de lugares e significados”. Ou seja, o filme propicia ao espectador esse olhar para com diferentes lugares do mundo, que remetem situações de espaço e tempo. Outra contribuição no que diz respeito, a linguagem do cinema no ensino é colocada por Napolitano (2008), da seguinte forma:

Trabalhar com o cinema em sala de aula é ajudar a escola a reencontrar a cultura ao mesmo tempo cotidiana e elevada, pois o cinema é o campo no qual a estética, o lazer, a ideologia e os valores sociais mais amplos são sintetizados numa mesma obra de arte. Assim, dos mais comerciais e descomprometidos aos mais sofisticados e “difíceis”, os filmes têm sempre alguma possibilidade para o trabalho escolar”. (NAPOLITANO 2008 p.11-12).

A utilização desse instrumento pedagógico, é visto como um campo amplo que engloba vários saberes, pois aproxima diálogos dos quais podem ser vistos através dos diferentes gêneros cinematográficos. Todavia, torna-se necessário ressaltar a importância de se estabelecer alguns critérios no momento da escolha do material fílmico. Nesse sentido, Barbosa (2003), explica que ao colocar filmes é preciso levar em consideração o enunciado didático assim como seus temas, conceitos, periodizações e configurações espaciais.

Pode -se pensar, que assim como é importante o professor ter um olhar cuidadoso com os materiais que são incorporados no seu plano de trabalho, também é de suma importância criar condições para que o estudante consiga compreender, além do que, sabe-se o quanto é importante que os conhecimentos sejam construídos e reconstruídos ao longo da formação dos estudantes. Portanto, este trabalho discute através de um estudo de caso a utilização do filme “Vida Maria” no ensino de Geografia.

Vida Maria, é um filme de animação dirigido por Marcio Ramos (Brasil, 2006), que conta a história de Maria, uma menina com cinco anos de idade que vive com sua família no sertão Nordeste. Durante a narrativa é possível ver o tempo passar, o cotidiano de atividades diárias e as dificuldades enfrentadas pela geração de três mulheres. Essa curta-metragem traz um contexto em que pode ser feita várias leituras, inclusive sobre a temática do Nordeste, especificamente o Sertão Nordeste, concernentes às questões culturais, hidrográficas, e conceituais do espaço geográfico. A pesquisa foi aplicada aos professores de Geografia, com foco sobre a utilização da linguagem fílmica no ensino geográfico.

Por essa razão, essa pesquisa é de natureza qualitativa e dialoga com o respectivo estudo de caso, estando assim em concordância com o objeto que se deseja analisar,

observando-se que na contemporaneidade existem diversas publicações com eixos temáticos contendo discussões relacionadas à utilização das linguagens no ensino.

Desse modo, percebe-se que nessa era da informação há uma necessidade premente de rever outras formas de linguagens para o ensino de geografia, ou seja, que venham aprimorar o processo de ensino e aprendizagem, desenvolvendo competências e habilidades que são muito valorizadas pela BNCC. Em vista disso, compreende-se que cada linguagem dispõe de uma gama de conhecimentos como o filme, que mesmo sendo um recurso trabalhado por muitos professores de Geografia, ainda é algo negligenciado por outros, no que se refere a sua utilização e quanto a sua abordagem do conteúdo geográfico.

Dessa forma, esse recurso didático possibilita as seguintes reflexões que se constituem no problema da pesquisa: De que forma a linguagem fílmica do curta-metragem “Vida Maria” pode contribuir didaticamente para a educação geográfica? O filme permite aprofundar a capacidade do estudante de compreender o mundo e dar significado ao que aprende na disciplina? Possibilita aproximar o conhecimento escolar à realidade do estudante, como uma forma de aprendizado através da história, das imagens, das reflexões, ideias diversificadas e motivadoras que o filme permite?

Nesse contexto este trabalho tem por objetivo geral:

Analisar de que forma a linguagem fílmica do curta-metragem “Vida Maria” pode contribuir didaticamente para a educação geográfica bem como se aprofunda a capacidade do estudante de aproximar o conhecimento escolar à sua realidade através da história, das imagens e reflexões que o filme permite.

Os objetivos específicos se constituem no instrumento pelo qual o problema é respondido de acordo com o objetivo geral, gerando os capítulos da monografia. Eles são os seguintes: identificar na Geografia seus diversos modos de ensinar a partir de sua história; reconhecer na linguagem fílmica um instrumento pedagógico facilitador para o ensino das temáticas geográficas e discutir através de um estudo de caso a utilização do filme Vida Maria para a educação geográfica.

A respeito da justificativa desse trabalho, pode-se referenciar que o interesse pela temática surgiu pelos trabalhos desenvolvidos como bolsista na Universidade Estadual do Maranhão – UEMA. Durante a jornada no Curso de Licenciatura em Geografia, como membro do Grupo de Estudos em Dinâmicas Territoriais – GEDITE. Nesse grupo, no ano de 2018, foi desenvolvido o Projeto de Extensão intitulado de Cine Gedite: Discussões das Dinâmicas Territoriais do Espaço Agrário no Maranhão. A finalidade do projeto

consistia na exibição de documentários a cada trinta dias, aberta ao público acadêmico no Centro de Educação Ciências Exatas e Naturais – CECEN.

No Grupo em referência, a temática abordada privilegiava as temáticas sobre o espaço rural maranhense, com produções voltadas à realidade vivenciada pelo camponês. No ano seguinte, surgiu a proposta de extensão do Cine Gedite para uma escola da rede pública estadual, chamada de Centro de Ensino Dr. Tarquínio Lopes Filho, localizada em São José de Ribamar - MA, direcionada à disciplina de Geografia, e voltada ao terceiro ano do Ensino Médio. Participar dessa vivência gerou um trabalho no III SIICS - Simpósio Internacional Interdisciplinar em Cultura e Sociedade do PGCULT na Universidade Federal do Maranhão – UFMA.

Ao apresentar à orientadora o desejo de pesquisa com essa temática, a mesma sugeriu que fosse feito um estudo de caso com um filme, no caso, para aprofundar melhor a contribuição sobre a utilização de filme como recurso metodológico. Optou-se pelo *Vida Maria*, já referenciado. Essa experiência com o audiovisual permitiu muitas reflexões quanto a relevância acadêmica, pois é um trabalho que poderá ser apreciado pelos futuros professores de Geografia, cujo instrumento de ensino pode ser incorporado ao roteiro do futuro docente.

Torna-se importante ressaltar que durante a execução do projeto ficou claro que, com relação a utilização de filmes e documentários, as aulas tornavam-se mais dinâmicas, proporcionando assim, ricas discussões visto que a pesquisa hoje sobre filmes é algo desempenhado por muitos pesquisadores, conforme Duarte (2002, p.105) quando afirma que:

Filmes são uma fonte muito rica de pesquisa sobre temas e problemas que interessam aos pesquisadores da área da educação. A análise comparativa de diferentes cinematografias pode fornecer um vasto material para estudo e reflexão acerca de estratégias de escolarização e de transmissão de saberes adotadas por diferentes culturas em diferentes sociedades. (DUARTE, 2002, p.105).

Portanto, o filme além de servir como pesquisa e sustentáculo para muitas atividades no âmbito acadêmico e escolar, possibilita que professores e alunos possam contemplar diferentes cenários que perpassam pelo mundo contemporâneo no qual estão relacionados aos saberes geográficos. Diante disso, é importante frisar sobre o Documento Curricular do território Maranhense - DCTM (2019, p.391), que faz menção a aprendizagem na educação geográfica e exprime que:

Assim, faz-se necessária a compreensão de que as aprendizagens desenvolvidas a partir dos conhecimentos geográficos são fundamentais na

formação de sujeitos críticos e autônomos. Esses sujeitos, compreendendo a dimensão socioespacial como uma construção social, devem agir sobre o espaço geográfico de forma consciente para diminuir as desigualdades sociais que fazem parte da sociedade e que estão relacionadas aos processos de apropriação do espaço, assim como agir sobre os elementos que propiciam a assimilação de conceitos geográficos que se relacionam com as diversas formas de vivências nesse espaço. (Maranhão, DCTM 2019, p. 391).

Diante do exposto, as informações contidas no corpo deste trabalho monográfico estão divididas em 03 capítulos. No capítulo – 1 *A Geografia e seus modos de ensinar*, nela apresentamos uma discussão sobre o uso de várias linguagens que são trabalhadas no ensino, são destacadas: linguagem do cinema, música, mapa, charge e as histórias em quadrinhos.

No capítulo – 2 *A linguagem filmica no ensino de geografia*. Inicialmente, buscou – se apresentar várias obras que dialogam sobre a linguagem filmica para o âmbito escolar geográfico. Em sequência, a abordagem girou em torno da potencialidade do filme enquanto recurso didático pedagógico e finalizamos este capítulo com uma discussão sobre limites e possibilidades para inserir filmes no ensino de geografia.

No capítulo – 3 *O ensinar geografia a partir do filme “Vida Maria”* narrativas e recursos imagéticos. Este capítulo concentra - se numa breve descrição do filme, em seguida, o diálogo é dirigido para a geografia no filme “Vida Maria”.

2 OS CAMINHOS METODOLÓGICOS

A educação geográfica é primordial para a formação do sujeito crítico que ao longo do percurso de formação escolar se depara com questões que envolvem as atividades realizadas pelo próprio ser humano em diferentes territórios. Um exemplo a ser mostrado é sobre as atividades visualizadas em várias produções fílmicas no que tange ao setor primário, secundário e terciário visto em muitas regiões do Brasil e em diferentes países do mundo.

Para referenciar o percurso metodológico para a construção deste trabalho, esta pesquisa tem como direcionamento um estudo do filme “Vida Maria” que visa descrever sobre a relação entre a linguagem fílmica e o ensino de Geografia para a construção de conhecimentos de educação Geográfica. Viabiliza o diálogo entre a linguagem do filme e a sua relação com o saber geográfico que ele apresenta em suas imagens, sons, cores, falas e reflexões. Para a realização procedimental desta pesquisa foi primordial utilizar o método Histórico-Dialético que de acordo com Gil (2008, p.14) pode ser subentendido como “Uma interpretação dinâmica e totalizante da realidade, já que os fatos sociais não podem ser entendidos quando considerados isoladamente, abstraídos de suas influências políticas, econômicas e culturais etc.” A pesquisa quanto aos objetivos, foi do tipo Exploratória (GIL, 2008) por proporcionar maior familiaridade com o problema para torná-lo mais explícito diante das perguntas norteadoras para a investigação.

Quanto ao procedimento técnico é um Estudo de Caso, prática que vem sendo utilizado com frequência cada vez maior pelos pesquisadores sociais, visto servir a pesquisas com diferentes propósitos. Este estudo de Caso foi do tipo Exploratório, visando obter uma visão mais acurada sobre a situação investigada. Dentro desta proposta, conforme Gil (2008) afirma, há a exploração de situações da vida real cujos limites não estão claramente definidos, que descrevem o contexto em que está sendo feita determinada investigação, e, explica as variáveis causais de determinado fenômeno em situações muito complexas.

O problema da pesquisa exigiu buscar a literatura que trata da temática quanto às questões teóricas metodológicas o que envolve uma complexidade para

suas especificidades. Esse estudo de caso foi construído com duas bases essenciais: uma no que tange o aporte teórico, com livros, artigos e tese, entre os quais, OLIVEIRA Jr; GIRARDI (2011), SIMIELLI (2003), SILVA (2003) e MELO; MEDEIROS; SILVA (2013) com considerações relevantes sobre algumas linguagens no ensino. Com relação a educação e cinema NAPOLITANO (2008; 2009), DUARTE (2003), trazem reflexões importantes sobre o cinema na escola. No tocante a Geografia e Cinema, BARBOSA (2003), PONTUSHKA, PAGANELLI; CACETE (2009), CAMPOS (2006) e FIORAVANTE (2016;2018) foram basilares neste trabalho para a discussão que envolve as aproximações entre esses dois campos e para com a construção de conhecimentos por meio dos filmes.

A outra base seguiu por meio da análise do filme. Cabe ressaltar, que o filme enquanto objetivo de análise foi compreendido conforme diz Penafria (2009 p. 01) “O objetivo da análise é então o de explicar/esclarecer o funcionamento de um determinado filme e propor-lhe uma interpretação”. O filme enquanto objeto de estudo é trabalhado por muitos pesquisadores para análise de obras que se deseja compreender, interpretar, descrever, entre outros seguimentos.

. Diante dessa realidade, a pesquisa qualitativa¹ definiu-se como a mais adequada para a investigação. Fundamenta-se em Minayo (2002) ao afirmar que esse tipo de pesquisa responde a questões com um nível de realidade que não pode ser quantificada. A opção por esse tipo de pesquisa também se deu pelo fato de que esta trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, correspondentes a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de valores (ib.id.)

. Ela possibilita a interrogação direta dos sujeitos daí a opção por utilizá-la como método prático para obter informações necessárias à construção dos raciocínios em torno do fato/fenômeno/problema que foi investigado, aqui, especificando que o instrumento utilizado o formulário *on line*, pelas circunstâncias vivenciadas neste período pandêmico. Logo, este trabalho com instrumental metodológico do filme “Vida Maria”;

¹A pesquisa qualitativa segundo Minayo (2002) responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas Ciências Sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. Para Goldenberg (2004), os dados qualitativos consistem em descrições detalhadas de situações com o objetivo de compreender os indivíduos em seus próprios termos. Estes dados não são padronizáveis como os dados quantitativos, obrigando o pesquisador a ter flexibilidade e criatividade no momento de coletá-los e analisá-los. Não existindo regras precisas e passos a serem seguidos, o bom resultado da pesquisa depende da sensibilidade, intuição e experiência do pesquisador

para a realização da pesquisa foram enviados 22 questionários *online* para professores através da plataforma *Google Forms* para contas de e-mails e Whatsapp direcionados aos professores de Geografia. Logo, a elaboração e a distribuição dos questionários foram feitas na plataforma *Google Forms*, assim, por meio deste recurso a obtenção de respostas foram contabilizadas automaticamente pelo sistema, desse modo foram coletados dados primários e secundários, e a análise dos dados foi embasada pela pesquisa qualitativa.

3 A GEOGRAFIA E SEUS MODOS DE ENSINAR

Para melhor compreender sobre as abordagens teóricas presentes nas linguagens a partir das ferramentas metodológicas no ensino geográfico, é relevante conhecer algumas transformações que ocorreram ao longo do tempo na geografia escolar. Afinal de contas, essas mudanças podem ser percebidas ou não pela sociedade. Refletir sobre esses momentos históricos que envolvem a trajetória de um ensino que conseguiu se institucionalizar tanto no currículo escolar como no acadêmico, leva-nos a avançar com discussões metodológicas para o ensino geográfico.

Dantas e Barbosa (2011, p.11) ressaltam que: “O ensino de geografia no Brasil teve início no século XIX quando em 1837, a geografia foi implantada como disciplina escolar obrigatória no colégio Pedro II, situado no Rio de Janeiro”. Em meio a um momento da história do país marcado por especulações, acontecimentos, renovações que compete a década de 30, nesse mesmo período houve a implantação dessa geografia de cunho científico em algumas universidades do país.

Lembrando que, no tocante a Geografia enquanto disciplina escolar ela não foi inserida de maneira aleatória podemos compreender uma das perspectivas a partir do que é explanado por Cavalcanti (2010, p.18) “[...] foi introduzida nas escolas com o objetivo de contribuir para a formação dos cidadãos a partir da difusão da ideologia do nacionalismo patriótico”. Conhecimentos que tem como destaque noções descritivas e memorização, deixando de contemplar outras concepções que englobam as contradições percebidas no espaço geográfico. Gebran (2003) relata da seguinte forma:

A inserção da Geografia, como disciplina escolar, se configura efetivamente a partir das Leis Orgânicas do ensino primário e secundário, tendo como referencial a Geografia Tradicional que, enraizada no positivismo clássico analisa a realidade de forma empírica, “científica”, enciclopédica e neutra, deixando de lado as reflexões sociais de produção, desligando-se da sociedade e afastando-se de qualquer propósito de contribuir para o seu conhecimento e transformação. Firmou-se como um discurso oficial e escolar e sua permanência ainda se manifesta nos programas e planos das instituições de ensino. GEBRAN (2003, p. 81-82).

É interessante observar que criou – se em 1934, uma instituição que acabou se tornando bem conhecida e relevante entre os geógrafos, chamada de Associação dos Geógrafos Brasileiros -AGB, essa instituição em vários momentos promoveu, debates concernentes inclusive aos conhecimentos geográficos, que posteriormente em meados da década de 70 participou de movimentos, articulações e discussões acerca de temáticas que estavam relacionadas a renovação do ensino geográfico. Ruy Moreira em seu livro *Pensar e ser em Geografia* sobre o encontro de 1978 promovido pela AGB explica que:

Quando, em 1978, os geógrafos brasileiros reúnem – se em Fortaleza, no 3º Encontro Nacional de Geógrafos (ENG), da AGB, a geografia brasileira vivia já um estado de grande ebulição. E isso pelo menos desde 1974. Nos vários cantos do país, movimentos de crítica e renovação, espontâneos, difusos e, portanto, sem hegemonia nacional vinham acontecendo. (MOREIRA,2007, p.24).

Em face dos descontentamentos, questionamentos que repercutiam nesse período, entre vários pensadores e geógrafos em torno da Geografia tradicional, as críticas estavam sendo desencadeadas inclusive sobre a questão metodológica. Sob a luz de uma época em que se pensou em vários caminhos e estratégias junto as inovações. Porém neste trabalho não cabe aqui se prolongar no que se refere a corrente da Geografia tradicional, quantitativa e nem tão pouco da geografia crítica.

Entretanto, cabe enfatizar que se olharmos para o contexto histórico e geográfico no país é percebido fragilidades em torno de algumas propostas referentes a ciência geográfica e também com relação a geografia escolar. Na década de 70 por exemplo se observarmos os traços desse período que converge o regime militar é perceptível mudanças na base curricular. Segundo Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p.59)

Enquanto na Universidade, na década de 70 do século XX, os debates se acirravam em decorrência da busca de novos paradigmas teóricos no âmbito do conhecimento em Geografia, a escola pública de primeiro e segundo graus, hoje ensino fundamental e médio, enfrentava um problema ocasionado pela Lei 5.692/71: a criação de Estudos Sociais com a eliminação gradativa da História e da Geografia da grade Curricular.

Sabe – se que esse ensino conseguiu abarcar um público razoável de alunos, no entanto, os materiais ou livros que estavam sendo incorporados aos estudos sociais naquela época, Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p.53) relatam que: “Esse empobrecimento dos livros didáticos é explicado pela imposição da censura militar sobre publicações, autores e editoras”. Logo na década de 80 houve constantes debates e propostas ligadas a renovação de diversas áreas do conhecimento inclusive da geografia,

tais propostas eram direcionadas por diversos pesquisadores para tratar de assuntos pertinentes a sistematização de materiais ao ensino escolar. Segundo Barbosa (2016, p.100).

Os anos de 1980-90 trouxeram para a Ciência geográfica e para a Geografia escolar, novos paradigmas teóricos e metodológicos que buscavam responder aos dilemas da sociedade contemporânea. Inúmeros são os esforços para se implantar nas escolas uma Geografia crítica que tenha um significado prático na vida dos educandos. O movimento de renovação da Geografia, contudo, ainda não conseguiu alcançar as salas de aula em sua plenitude.

Cabe dizer que mudanças ocorreram, mesmo que a passos lentos podemos perceber uma trajetória com brechas para ressignificações no ensino. Logo, a discussão sobre o ensino geográfico pode – se dizer que não consiste em abordagens exclusivamente atuais, ou seja, em vários momentos o papel do ensino foi debatido. Callai (2010, p.17)

A Geografia escolar assim como a ciência geográfica tem por função de estudar, analisar e buscar explicações para o espaço produzido pela humanidade. Enquanto matéria de ensino cria as condições para que o aluno se reconheça como sujeito que participa do espaço que vive e estuda e que pode compreender que os fenômenos que ali acontecem são resultado da vida e do trabalho dos homens em sua trajetória de construção da própria sociedade demarcada em seus espaços e tempos.

Para avançar nas abordagens do ensino é relevante que o professor tenha clareza desses seguimentos supracitados, assim como também buscar, refletir e tenha consciência da importância do seu papel enquanto mediador. Embora possa se deparar com um sistema de ensino com diversas incertezas e obstáculos na educação do país. É vero a importância do educador e a escola na vida e na formação de um futuro de cidadãos protagonistas. Vesentini (2003, p.24-25) argumenta que:

Ser um verdadeiro educador, preocupado com a conquista da cidadania, é contribuir para o crescimento (no sentido amplo do termo: intelectual, cognitivo, afetivo...) do educando, para a sua autonomia, criatividade e senso crítico. Mesmo que isso contrarie certas “verdades” estabelecidas pelo educador, pois o principal papel de uma boa educação não é formar discípulos que repitam ou reproduzem noções ou opções dos mestres e sim formar mentes criativas que pensem o novo, que contrariem todas as formas de pensamento estereotipado, inclusive aquelas voltadas para o lado do “bem” ou da “utopia”.

No trabalho de José Willian Vesentini intitulado: Educação e ensino da Geografia: Instrumentos de dominação e/ ou de libertação. No trecho perguntas/ debate com o público. Logo existem perguntas e respostas, entre elas tem – se uma pergunta da seguinte maneira: P:Como educar os adolescentes de hoje, que estão voltados principalmente para as imagens, jogos e computadores, pouco se preocupando com a linguagem escrita? Segundo Vesentini (2003, p.30-31).

R:O bom professor deve adequar seu curso a realidade dos alunos. Realidade tanto local (a comunidade, o espaço de vivências e suas características) – Nunca se deve esquecer que os estudos do meio constituem dos mais importantes instrumentos da geografia escolar-, como também psicogenética, existencial, social e econômica. Se os educandos são fascinados pelos computadores, pela imagem no lugar da escrita, por jogos, então é interessante incorporar tudo isso na estratégia de ensino. Afinal, o professor também é um cidadão que vive no mesmo mundo pleno de mudanças do educando e ele também deve estar a par e participar das inovações tecnológicas, das alterações culturais. A televisão, a mídia em geral e os computadores (isolados ou conectados a redes) oferecem imensas possibilidades inovadoras ao professor. Cabe trabalhar com esses recursos de maneira crítica, levando o aluno a usá-los de forma ativa (e, não meramente passiva). Mas não se pode negligenciar a linguagem escrita, pois ela representa toda uma herança cultural da humanidade, nela se aprende de forma mais eficaz a pensar e a conceber coisas novas.

Enfim, existem várias propostas criativas que são lançadas no ambiente escolar e que promovem diversas leituras e interpretações para o ensinar e aprender geografia. Na atualidade existem diversas especulações sobre o ensinar, como ensinar, e sobre quais linguagens podem ser trabalhadas na geografia escolar? Tem – se hoje, inúmeras publicações em sites e revistas que mostram atividades desenvolvidas por meio das linguagens e com projetos educativos na educação básica. Segundo Cavalcanti (2010, p.09-10).

Entende-se por linguagens “alternativas” outras formas de linguagem, além da verbal, e outros gêneros de texto, além dos gêneros didáticos tradicionais — o filme de ficção, o documentário, a música, a fotografia, a literatura, o texto jornalístico, o teatro, a charge, a Internet, o jogo virtual, o computador e a Internet. Essas linguagens exigem abordagem interdisciplinar e articulação entre razão e sensibilidade, além de favorecer o conhecimento conceitual e a comunicação mais sintética.

As linguagens permitem uma interdisciplinaridade, proporcionando um olhar diferenciado e dinâmico para aquilo se pretende construir ou trabalhar no âmbito escolar. No entanto, chama – se atenção ao fato de que embora exista diversas linguagens que podem ser norteadoras para realização e construção de atividades criativas, ainda é possível perceber resistências com base nos conhecimentos inovadores, perpetuando para alguns, resquícios de um contexto tradicionalista. Sobre algumas práticas tradicionalistas Cavalcanti (2010, p.13) explica que:

No entanto, ainda predominam práticas tradicionais: passar atividades do livro e “dar visto” nas atividades; pedir leitura de trechos do livro didático usado de modo acrítico e reprodutivo; explicar conteúdos como se fossem verdades inquestionáveis a serem reproduzidas; realizar avaliações com o objetivo predominante de memorização. Essas práticas não podem ser avaliadas em si mesmas: os livros didáticos com seus conteúdos/atividades, a memorização, as

aulas expositivas não são ruins em si mesmas. Para considerá-las em sua qualidade e potencialidade educativa, devem-se observar os diferentes aspectos envolvidos no cotidiano escolar, sobretudo os objetivos e os resultados de aprendizagem dos alunos.

Com isso, a autora demonstrou alguns exemplos de práticas que no caso, ainda podem ser vistas no viés tradicional. Vários fatores contribuem para um não acesso as práticas inovadoras, dentre elas pode se dizer a precarização em escolas públicas espalhadas pelo Brasil, que dificultam a organização e o planejamento de atividades. Mesmo diante de diversas dificuldades que são captáveis no ambiente escolar, é necessário que o professor explore metodologias que privilegie o desenvolvimento de atividades.

Os autores (Santos, Costa e Kinn, 2010) no que diz respeito ao ensinar Geografia utilizando das linguagens e outros recursos, compreende – se que, não se trata de algo tão simples, mas sim complexo que requer da escola um olhar atento para conduzir projetos e pesquisas de cunho didático pedagógico. Assim como também propiciar um conjunto de fatores em que o aluno seja capaz de (des)construir e reconstruir informações.

Lembrando que o espaço escolar também é parte integrante para o desenvolvimento das atividades. Negar uma socialização de informações e planejamento entre a instituição e os professores, é regredir diante das inovações e práticas interdisciplinares que podem ser executadas no ambiente escolar. Para Santos e Chiapetti (2011, p.168), “Os professores do século XXI, necessitam utilizar as várias mídias a favor do seu fazer pedagógico e, assim, a favor dos seus alunos e da sociedade em geral”. A seguir será elencado uma breve discussão sobre as linguagens: do cinema, a música, o mapa, a charge e as histórias em quadrinhos.

A inserção das diferentes linguagens no ambiente escolar consegue envolver uma diversidade de temáticas que poderão ser exploradas e servir de ideias para professores durante as práticas pedagógicas, um exemplo de linguagem que transita por diferentes saberes e é interdisciplinar é a linguagem do cinema, um recurso pedagógico que a bastante tempo integra atividades na sala de aula. Muitas das vezes traz geograficamente noções de mundo contribuindo para fascinantes descobertas de um universo repleto de culturas e saberes. Na visão de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009).

A linguagem do cinema é uma produção cultural que pode ser utilizada em sala de aula a fim de abrir cada vez mais horizontes intelectuais para análise do

mundo, necessária á formação da criança e do jovem. Para tanto, os professores precisam conhecer minimamente essa linguagem, que é muito rica porque integra imagens em movimento: a expressão oral e corporal, a cor, e tudo temperado pelas trilhas musicais. A linguagem cinematográfica é, com efeito, a integração de múltiplas linguagens. (PONTUSCHKA; PAGANELLI; CACETE (2009, p.279).

Ou seja, isso significa dizer que estamos diante de uma linguagem que integra sobretudo diferentes expressões com diversos significados. Nesse contexto os filmes e seus diversos gêneros cinematográficos, quando articulados com o conteúdo pelo professor podem ser de grande valia para tratar de diversas temáticas que se enquadram as disciplinas curriculares.

Na visão de Duarte (2002, p. 17) “Ver filmes, é uma pratica social tão importante, do ponto de vista da formação cultural e educacional das pessoas, quanto a leitura de obras literárias, filosóficas, sociológicas e tantas mais”. Trabalhar com filmes no espaço escolar é tomar conhecimento sobre vários fatos reais ou ficcionais do espaço e do tempo que envolvem aspectos naturais e sociais da humanidade. Napolitano (2009, p. 14-15) explica que:

É óbvio que não é necessário ser um crítico de cinema para trabalhar com filmes na sala de aula, nem organizar suas atividades escolares em função da exibição de filmes. À medida que o cinema tem sido cada vez mais incorporado como recurso didático e documento de análise, principalmente em disciplinas de ciências humanas e linguagens, um dos grandes desafios é subsidiar o professor para incorporar a linguagem cinematográfica na escola.

Marcos Napolitano em seu trabalho, *Cinema: experiência cultural e escolar* (2009) o autor traz abordagens para o trabalho do cinema na sala de aula, para aqueles que desejam compreender e planejar atividades, com informações que incluem o planejamento e elaboração de um roteiro de análise por meio das obras, tais pontos trazem suporte e ajudam professores na sistematização e construção de experiências durante as práticas de ensino.

Além da linguagem do cinema, a música, que também é um componente do da linguagem fílmica, é uma alternativa didático pedagógica para o ensino. Por meio das letras pode – se explorar diversificadas temáticas que englobam o espaço geográfico, no entanto é importante que esse instrumento seja utilizado de forma coerente. Pereira (2012, p.140), “A música (som e letra) pode ser utilizada na problematização do cotidiano e na formação do cidadão de forma mais lúdica e interativa, [...]”.

A música apresenta inúmeros significados quer sejam simbólicos, culturais ou sociais, com noções e conhecimentos que alcançam a sociedade, seus modos de vida e cultura. Ela para o ensino possui suas vantagens, quando é utilizada de maneira correta,

pois permite inúmeras abordagens, e investigações que retratam canções sobre o meio ambiente, o espaço urbano e rural, questões políticas e outros.

Pereira (2012) também enfatiza sobre o cuidado que deve ser seguido pelo professor nas escolhas da música que serão trabalhadas e que devem ter concordância com o conteúdo a ser trabalhado. Outro recurso, o mapa, que também se relaciona com a linguagem filmica na medida em que se localiza as áreas em que o cenário ocorre, torna-se também uma das linguagens trabalhadas na geografia escolar sendo concebido como um dos produtos que compõe a linguagem cartográfica. O trabalho com o mapa propicia diversas interpretações, não somente de contextos locais, mas também globais. Para Simielli (2003)

Os mapas nos permitem ter domínio espacial e fazer a síntese dos fenômenos que ocorrem num determinado espaço. No nosso dia – a dia ou no dia – a dia do cidadão, pode se ter a leitura do espaço por meio de diferentes informações e, na cartografia, por diferentes formas de representar estas informações. Pode-se ainda ter diferentes produtos representando diferentes informações para diferentes finalidades: mapas de turismo, mapas de planejamento, mapas rodoviários, mapas de minerais, mapas geológicos, entre outros. (SIMIELLI, 2003, p.94-95).

De forma que esses saberes ao serem trabalhados no ensino, em conformidade com a matriz curricular do educando, revela possibilidades de o aluno buscar um determinado objeto no espaço geográfico, a partir dos conhecimentos espaciais. A partir dos mapas, tem-se a viabilidade de se obter inúmeras respostas, relacionadas com a leitura espacial, pois é uma representação cartográfica que engloba não somente um único produto, mas sim, diferentes mapas que dispõem de elementos e informações.

Simielli (2003 p. 95), explica que: “No ensino médio, teoricamente, o aluno tem as condições para trabalhar com análise/ localização, com correlação e com síntese”. Dessa maneira, torna-se importante também que o professor se atente com relação a qual mapa irá compor suas aulas, e a linguagem adotada para o contexto desta aula, uma vez que na cartográfica existem vários instrumentos que planificam o espaço, sendo estes: mapas, croquis, atlas entre outros. Pontuschka; Paganelli e Cacete (2009, p. 326), nos explicam que:

Tanto os mapas murais como o atlas, na condição de instrumentos pedagógicos, deveriam ser presença obrigatória nas salas de aula de geografia. Apesar da disseminação dos mapas pela mídia e pela internet, esse material, na escola, precisa ser utilizado no desenvolvimento de um raciocínio geográfico e geopolítico. A importância de uma iniciação ou alfabetização cartográfica tem sido retomada em dissertações e teses sobre a cartografia escolar, impulsionadas por eventos em que o Brasil se destaca por sua iniciativa e participação.

Portanto, podemos compreender a importância em que se reveste a linguagem cartográfica para o ensino escolar, porque de posse da linguagem o professor poderá transmitir ao aluno a reflexão necessária para compreensão da realidade em que vivemos, correlacionando a linguagem do ensino ao cotidiano vivido pelo docente. A educação básica permite que o professor faça uso de várias linguagens alternativas que tragam resultados satisfatórios para o ensino e aprendizagem dos estudantes.

Logo, para este contexto a charge e histórias em quadrinhos correspondem no ensino de geografia uma interessante linguagem para ser interpretada pois apresenta uma diversificada comunicação no contexto geográfico escolar, esses materiais contemplam uma riquíssima linguagem que é utilizada tanto na sala de aula quanto fora dela. No ensino esses recursos já servem como auxílio para muitos professores de geografia, é visto nessas produções supracitadas uma diversidade de temas que incluem educação, meio ambiente, política e outros.

No ensino de Geografia, o gênero textual charge tem elementos que podem aguçar a imaginação dos estudantes por meio da interpretação das imagens, é importante que o aluno conheça o assunto ministrado, que certamente deverá ter ligação com a charge abordada, tais fatores caminham para que o aluno aumente a sua capacidade interpretativa. A charge no meio jornalístico é bem conhecida, por retratar questões políticas que reúnem assuntos contemporâneos com humor. Na visão de Silva e Cavalcanti (2008, p. 11):

Percebe-se que tem aumentado o uso de tiras de quadrinhos, charge, cartum no ensino escolar, como também, em muitas provas de processo seletivo e que este tipo de abordagem faz parte da rotina de quase todas as pessoas, pois é bastante divulgada pelos meios de comunicação. Como é uma leitura agradável, envolvente e a maioria dos alunos acha prazeroso esse tipo de atividade, pressuposto, que se torna um facilitador para empreender uma discussão com um certo rigor científico, a partir de elementos do cotidiano.

Através da leitura da charge pode ser visto vários conteúdos geográficos. Não é novidade que esse gênero tem aparecido constantemente em vários seletivos, um exemplo que se sucedeu foi no seletivo de educação a distância em 2017, da Universidade Federal de Juiz de Fora -UFJF que retratou sobre a questão política do Impeachment da Presidenta Dilma Rousseff em 2016.

Esse tipo de linguagem também é visto com frequência no Exame Nacional do Ensino Médio, muitas das vezes reúnem uma linguagem verbal e uma linguagem não verbal, expressa nas imagens, daí a importância de inserir esse recurso na sala de aula,

para que os alunos se familiarizem com esses elementos textuais no ensino geográfico. Tendo em vista que, se não trabalhado de forma objetiva, deixa de criar várias discussões que venham contribuir com a reflexão e interpretação dos estudantes, no âmbito escolar geográfico. Silva, 2010, p. 166)

Nas tiras de quadrinhos e charges é possível estudar conteúdos da geografia escolar, como, por exemplo, categorias geográficas baseadas nas conceituações de geógrafos como Moreira (1987) e Correa (2000), que destacam: paisagem, região, espaço, lugar, território, ambiente e natureza.

Ou seja, essa linguagem aborda temas de cunho geográfico como também de outras disciplinas curriculares. A história em quadrinhos é outra linguagem bem agradável no ensino. Para Melo, Medeiros e Silva (2013, p.263) “Os quadrinhos atraem um público distinto pelo fato de serem oriundos do conjunto de duas artes diferentes - escrita e desenho [...]”.

Através dessa linguagem expressa por meio das histórias em quadrinhos (HQs), esse recurso didático pode reunir humor e crítica, ou seja, são alguns aspectos observados e que podem ser contextualizadas com a realidade dos educandos. Existem HQs bem conhecidas nacionalmente como é o caso dos super heróis e turma da Mônica². No que corresponde aos super-heróis, Melo, Medeiros e Silva (2013, p.276) informam que:

Na Geografia, as revistinhas em quadrinhos do gênero super-heróis abordam, ainda, as questões relacionadas ao espaço urbano, a metropolização das ³idades, contribuindo para o entendimento das relações e diferenças desses dois espaços distintos, o urbano e rural. E também, as diferenças das cidades em suas múltiplas relações sociais, políticas, econômicas e culturais.

As histórias em quadrinhos retratada por esses personagens são amplamente conhecidos entre os jovens, podem gerar não só atividades que remetem ao espaço urbano e rural, mas também a outros conteúdos que exprimem sobre a Globalização. Também é importante frisar que, embora esse material seja algo bem conhecido por muitos professores. Segundo Melo, Medeiros e Silva (2013, p.271) “[...] os educadores devem assumir um novo e mais crítico posicionamento sobre as HQs e considerá-las como uma alternativa estratégica de ensino [...]”. Pois a finalidade de uma educação geográfica vai muito além de uma educação sem estratégias e simplória. Segundo Callai (2010).

² Turma da Mônica foi criada pelo desenhista Mauricio de Sousa.

A finalidade da educação geográfica é, contribuir na construção de um pensamento geográfico, que quer dizer desenvolver modos de pensar que envolvam a dimensão espacial. Não é portanto, simplesmente passar conteúdos disponibilizados em informações como tem sido ainda tendência da geografia. Pode ser muito mais que isso, na medida em que se considera que formar pensamento espacial pode ser um argumento para estudar os conteúdos. (CALLAI, 2010, p. 16).

Nesse contexto, Callai nos ensina que a educação geográfica pode e deve ser norteadora para que o aluno desenvolva o senso de criticidade deixando claro que o pensamento construído socio espacialmente não se limite apenas em absorver os conteúdos com informações, é preciso compreende-los a tal ponto que, o pensamento socioespacial possa ser um forte argumento para estudar os conteúdos geográficos. Logo, o ensino de geografia por meio das linguagens, é descrita pelos autores Santos, Costa e Kinn (2010, p.43):

Ensinar geografia usando linguagens e recursos diversos, como as mídias eletrônicas, é, sem dúvida, um processo complexo que exige da escola competências para mediar processos e pesquisas, de forma que eles tenham importância didático-pedagógica para, além de informarem também possibilitarem ao aluno a oportunidade de (des)construir e reconstruir o conhecimento.

Ou seja, os autores frisam sobre essa complexidade que existe por meio do trabalho com essas linguagens. Assim sendo, para o entendimento sobre as diversas linguagens que integram o ensino da Geografia, foram descritas algumas das várias linguagens que o professor pode lançar mão como ferramenta metodológica para educação geográfica. na visão de Oliveira Jr e Girardi, (2011)

Podemos avançar na problematização do tema das diferentes linguagens no ensino da geografia, tratando as linguagens não somente como componentes do ato comunicativo, mas também, e sobretudo, como viabilizadoras de novas produções de mundo. E seguir nesta problematização implica, necessariamente, em questionar o próprio conteúdo do processo comunicativo. Abordar as diferentes linguagens é entende-las não estritamente como elemento de um processo de comunicação, mas como fundamento de um processo de criação. (OLIVEIRA JR E GIRARDI, 2011, p. 04, grifo nosso).

Compreende-se através do pensamento do autor, que é importante refletir as linguagens não somente como algo que gera comunicação, mas sim, como componente que ultrapassa esse viés comunicativo. Na visão de Pontuschka; Paganelli; Cacete, (2009, p. 216), “Cada uma das linguagens possui seus códigos e seus artifícios de representação, que precisam ser conhecidos por professores e alunos [...]”. Ademais, fica evidente o quanto as linguagens englobam uma dinamicidade de saberes, assim as instituições

sociais como a escola se depara com constantes informações que inseridas no cotidiano do aluno irão ressignificar o aprendizado. É preciso que os professores se adequem tecnologicamente a nova configuração do ensino, porque nas palavras de Silva (2010 p. 157).

Já que as tecnologias fazem parte da realidade da vida do ser humano, os professores devem aprender a usa-las para aprimorar e melhorar a qualidade do ensino-aprendizagem dos estudantes. A possibilidade dessa utilização promove outras estratégias de ensino-aprendizagem, injeta mais dinamismo nas aulas, intensifica a construção de conhecimento.

Dessa forma, cabe salientar que além de ser importante o professor conhecer as diferentes linguagens que transitam pelo ensino de Geografia, e necessário que seja viabilizada a aplicação destes recursos nas práticas pedagógicas na sala de aula, pois de acordo com Oliveira Jr e Girardi (2011)

A escolha da linguagem ou das linguagens a serem utilizadas se dá propriamente tendo em vista os objetivos de ensinar e motivar os alunos e elas (as linguagens) são tomadas, em regra, em suas estruturas linguísticas mais habituais, uma vez que a linguagem na qual o ensinar/ motivar é realizado não é colocada sob o foco de discussão. Ela é tomada como estrutura que gera obras (frases, maquetes, filmes, fotografias, pinturas, peça...) as quais atuam no gesto docente pretendido/ realizado/ relatado. (OLIVEIRA Jr e GIRARDI, 2011 p. 03).

Portanto, no rol de linguagens descritas neste trabalho, elencou-se: A linguagem do cinema, a música, o mapa, a charge, e as histórias em quadrinhos, como exemplo das diversas linguagens que são trabalhadas no âmbito escolar geográfico. Assim sendo, optou-se por discutir como temática central deste estudo a linguagem do cinema, uma ferramenta tecnológica capaz de reunir conteúdo em meio as imagens e sons em movimentos permitindo que professores e alunos, tenham acesso a uma série de conhecimentos necessários a educação contemporânea.

3. 1 Uma breve contextualização sobre as aproximações do cinema no ensino de Geografia.

Azevedo (2009) As relações constituídas entre cinema⁴ e Geografia permeiam desde o final do século XIX. No Brasil as discussões envolvendo o cinema para o contexto

⁴O cinema vê – se inscrito na própria tradição geográfica, praticamente desde a gênese do meio nos finais do século XIX. (AZEVEDO, 2009, p.95).

educacional houveram inúmeras especulações na década de XX⁵. Segundo Castelli (2005) Vários influentes da época, intelectuais, educadores e cineastas passaram a descrever sobre a viabilidade entre o cinema e a educação para com a implementação no ambiente escolar, de modo que as propostas que circundavam de um cinema educativo só foram implantadas no final dos anos de 1920.

Posterior a década de 20, em 1937 foi criado o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE). De acordo com Duarte (2002, p. 33) “[...] o objetivo de incentivar a produção e a exibição de filmes que, fundada em temáticas exclusivamente nacionais, valorizassem a cultura Brasileira”. Foram criados muitos materiais filmicos em uma faixa etária com mais de 300 documentários ao longo desse projeto. Vale destacar que no decorrer do tempo vários geógrafos com relação ao cinema começaram a ilustrar as imagens em movimentos, Azevedo, (2009, p. 96) explica que:

Nas décadas de 1950 e 1960, o uso de documentários como forma de ilustrar e retratar diferentes lugares era pratica comum entre os geógrafos, sendo o cinema perspectivado como uma “janela sobre a realidade”. Na década de 1980, a investigação geográfica em cinema começa a constituir – se como campo de estudos preocupados com o desenvolvimento de uma perspectiva crítica ao uso de filmes enquanto retrato rigoroso do mundo, dos lugares e das pessoas nos lugares.

Logo, a partir de 1990, é nítido muitos trabalhos sobre cinema e educação, um exemplo desse fato recai sobre a gama de obras das quais foram criadas a partir desse período, relativo a teses, dissertações, livros, são saberes necessários que expandem a linguagem cinematográfica como objeto de estudo.

Consta várias publicações que tem se fundamentado com as seguintes obras: Como usar o cinema na sala de aula de Marcos Napolitano (2008), Cinema & Educação de Rosália Duarte (2002) e A escola vai ao cinema, de Inês Assunção de Castro Teixeira e José de Sousa Miguel Lopes, evidenciou – se tais obras neste trabalho, porém existem muitas outras que dialogam com o cinema para o ensino e aprendizagem.

É válido lembrar que o país passou por mudanças no campo educacional, a partir da década de 1990, o que refletiu nas reformulações editadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais. Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009 p.126) expõe que: “Uma das inovações feitas nos Parâmetros Curriculares Nacionais foi a inclusão de temas

⁵Morin (2011, p. 43) lembra que: “O fluxo de conhecimentos, no final do século XX, traz nova luz sobre a situação do ser humano no universo”.

transversais que deveriam perpassar por todas as disciplinas do currículo mediante diferentes práticas pedagógicas”.

Logo, do ponto de vista da autora, a interação dos temas transversais no ensino da geografia é descrita em concordância com os eixos elencados nos Parâmetros Curriculares Nacionais (Brasil, 1998, p. 61-62)

Assim, os eixos temáticos e suas interações interdisciplinares com os temas transversais e demais áreas foram propostos com o objetivo de auxiliar o professor a ensinar uma Geografia em que os alunos possam realizar uma leitura da realidade de forma não fragmentada, para que seus estudos tenham um sentido e significado no seu cotidiano, e no qual a sua vida no lugar possa ser compreendida interagindo com as pluralidades dos lugares, num processo de globalização, fortalecendo o espírito de solidariedade como cidadão do mundo.

Essas reformulações que ocorreram no ensino, estão associadas as configurações que perpassam pela globalização, porque como bem afirma Santos (1999, p. 7), “A Geografia passa a ser aquela disciplina tornada mais capaz de mostrar os dramas do mundo, da nação, do lugar”. Com as tecnologias adentrando na sociedade, a linguagem fílmica foi sendo inserida no espaço escolar por meio das disciplinas curriculares, tal como a geografia. Enquanto recurso tecnológico, que gera comunicação foi ganhando espaço na sala de aula, aproximando através das imagens em movimento situações de mundo. No Brasil, essa linguagem pode ser vista tanto no ambiente acadêmico quanto escolar.

Abarcando um público que varia de crianças e adultos, pode se dizer que através deste recurso o telespectador pode colher informações dos mais diversos eixos temáticos de discussão, ajudando na reflexão e compreensão sobre várias situações que não necessariamente podem estar em evidência no presente, no entanto, pode servir de sustentáculo para a compreensão de assuntos que remetam sobre gerações passadas. Ou seja, filmes podem tratar tanto de assuntos passados como foi enfatizado, como também trazer situações contemporâneas.

Tratando – se de uma linguagem que possibilita distintas interpretações enquanto objeto de estudo e análise para a disciplina geográfica, concordo com as palavras de Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 280) “Para nós geógrafos e professores de Geografia, o filme tem importância porque pode servir de mediação para o desenvolvimento das noções de tempo e de espaço [...]”. Além de outras situações geográficas que podem ser abertos caminhos para o aprofundamento de questões categóricas e conceituais. Cavalcanti (2010, p.08) explica que: “O desenvolvimento do

pensamento conceitual, que permite uma mudança na relação do sujeito com o mundo, generalizando suas experiências, é papel da escola e das aulas de geografia”.

Edgar Morin (2011) na sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, o autor faz menção para uma educação com perspectivas que sejam evidenciados: o contexto, o global, o multidimensional e o complexo. No multidimensional aparecem o ser humano ou a sociedade como unidades complexas, atribui ao ser humano características: biológico, psíquico, social, afetivo e racional, no que se refere a sociedade contempla as dimensões histórica, econômica, sociológica, religiosa.

Sua obra articula saberes que nos leva a refletir sobre conhecimentos fundamentais e que fazem sentido para a compreensão de pensamentos e ideias que abarcam a humanidade e a complexidade e que estão relacionados ao contexto atual da humanidade, Morin, (2011, p.43), afirma que: “A educação⁶ do futuro deverá ser o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana”.

No rol de filmes projetados na sala de aula, muitas das vezes são centrados em fenômenos que ocorrem no mundo, como o vulcanismo, terremoto, tsunami. É uma forma de oportunizar o aluno a conhecer fenômenos complexos ligados a dinâmica da terra. O filme enquanto difusor de conhecimentos históricos e culturais⁷, no Brasil, há muitos anos tem servido com seu caráter socializador, e interdisciplinar, no espaço escolar. Na próxima seção é apresentado uma discussão bem mais aprofundada a respeito do filme no ensino de geografia.

⁶ Para Morin (2011, p.37) “A educação deve favorecer a aptidão natural da mente em formular e resolver problemas essenciais e, de forma correlata, estimular o uso total da inteligência geral.

⁷ “Cultura, portanto, é um conceito que abrange não apenas conhecimentos, ideias, valores, mais igualmente práticas e construções do ser humano”. (VESENTINI, p.14).

4 A LINGUAGEM FÍLMICA NO ENSINO DE GEOGRAFIA

A Geografia⁸ é um dos saberes que utiliza de várias linguagens para o desenvolvimento de pesquisas. Logo, no ensino escolar não é diferente, tem – se a linguagem fílmica como um dos instrumentos relevantes para o trabalho escolar geográfico. Atualmente vários autores tem se debruçado em estudos que contemplam o audiovisual como recurso didático pedagógico para o ensino de geografia. Será mostrado a seguir, várias produções que discutem o audiovisual no ensino escolar geográfico.

Fioravante (2016), traça uma discussão acerca do cinema e ensino de geografia na qual é possível perceber informações a respeito da aproximação entre esses dois campos. Outro ponto bem relevante que é colocado pela autora, está relacionada com a maneira com que os geógrafos tem apoiado a discussão em relação ao uso de filmes no ensino de geografia. Nas palavras de Fioravante (2016, p.87)

A partir da análise do material bibliográfico coletado no levantamento empírico, podemos afirmar que existem duas claras formas com que os geógrafos discutiram e discutem o uso de filmes para o ensino de Geografia. A primeira delas está baseada na ideia de que o cinema é uma ferramenta capaz de criar representações do mundo real. Isso significa que os filmes podem ser considerados enquanto espelhos da realidade e, nesse sentido, podem apresentar aos estudantes locais que não seriam facilmente acessados. A segunda posição, nascida a partir da negação incontestável da anterior, afirma que filmes são produtos diretos de convenções narrativas e, portanto, não tem como intenção inicial representar fielmente qualquer possível realidade que seja passível de documentação.

Essa é uma importante informação que serve para compreender entre outras coisas, a respeito de como os estudos vem caminhando. Ou seja, permite ter a noção em que contexto os filmes no ensino de geografia estão sendo contextualizados na primeira ou segunda proposta destacada pela autora. Assim, podemos perceber que existe sobretudo discussões, questionamentos acerca dos caminhos e abordagens que envolve o ensino e a pesquisa.

Para Barbosa (2003, p.111), “Considerando as aproximações possíveis e até mesmo os limites imprecisos entre a geografia e a arte cinematográfica, é inegável que estamos diante de um campo rico e estimulante para o trabalho de pesquisa e ensino.” Não é à toa que neste século podemos perceber a articulação entre esses dois campos.

⁸ Callai (2009, p.23) averte que: “A geografia apresenta uma produção importante e junto com ela estrutura formas de fazer a interpretação dos fenômenos e a análise geográfica da realidade do mundo”.

Embora essa articulação caminhe de maneira não tão intensa, é perceptível o diálogo que se estabeleceu entre essas ciências. E o filme enquanto produto que gera comunicação, conhecimento e informação tem sido uma alternativa metodológica para trabalhar com diversos temas que contribuem para o ensino e educação geográfica.

No trabalho de Moreira (2012) *Ensino de Geografia com o uso de filmes no Brasil*, o autor inicialmente destaca vários trabalhos que abordam a temática com filmes no ensino geográfico. Aponta possibilidades e dificuldades percebidas a partir do trabalho pedagógico com filmes, e apresenta um compilado de filmes que estão organizados em vinte e cinco temas geográficos, são destacados: conflitos internos no Brasil, relações de poder, sertão Brasileiro, revolução francesa, processos geológicos e oriente médio.

Nos estudos de Campos (2006) o autor faz uma breve análise sobre o emprego de audiovisuais na sala de aula por parte de professores de geografia. Contribui com várias informações acerca do cinema na sala de aula. Além de expor várias vantagens e problemas conforme a sua inserção. Campos (2006, p. 02) adverte que: “No cinema sempre se estabelece a noção de espaço e alguns autores procuram descobrir em filmes a revelação da produção do espaço geográfico na chamada pós-modernidade”. Além disso, o autor revela em seu artigo uma série de filmes que estão relacionadas com temáticas trabalhadas nos currículos do ensino fundamental e ensino médio.

Torna – se relevante destacar também o trabalho de Barbosa (2003) que traz um breve diálogo sobre as aproximações entre os dois campos, cinema e geografia. o autor amplia seu diálogo a respeito das representações de paisagens que fazem parte do roteiro de muitos filmes, a paisagem do gênero *western* “Em diversos filmes de bang-bang, o Oeste não é histórico, mas o onírico. O Sul, o Norte e o Nordeste dos EUA e, até mesmo o Sul da Espanha, são tomados como locações para refazer a magia do Oeste”. Uma discussão interessante que nos leva a entender sobre as paisagens e suas representações em vários filmes.

Já no trabalho de Messias e Bezerra (2018), existe uma discussão em torno do cinema e geografia, com informações a respeito do papel do cinema na sociedade atual, e como essa tecnologia vem se disseminando na sociedade. Discorre sobre o filme enquanto recurso didático pedagógico, apresentando em seu estudo uma experiência numa escola da rede pública municipal, possibilitando ao leitor ter noção dos dados apresentados no respectivo estudo e algumas indicações de filmes para o trabalho escolar.

Seguindo na direção de mais um trabalho que envolve uma experiência escolar Moreira e Costa (2016) abordam o uso do cinema como recurso didático nas aulas de

geografia. No qual mostra uma experiência com dois filmes direcionados para o ensino médio, logo, os autores destacam que: “A experiência geográfica embutida nos filmes pode ser abordada em sala de aula de forma a se mostrar como uma reflexão acerca do cotidiano.” (MOREIRA; COSTA, 2016, p. 03).

Torna – se relevante destacar o livro, *A escola vai ao cinema* de Teixeira e Lopes (2003) embora esse livro não tenha um direcionamento exclusivo para o ensino de geografia, essa obra vem de encontro com saberes sobre a educação e o cinema. Nesse sentido os autores esclarecem que: “O filme é um discurso sobre o mundo. Logo, enquanto discurso, ele fala para um interlocutor”. (TEIXEIRA; LOPES, 2003, p. 43). Ou seja, o discurso do livro permite entre outras reflexões a respeito da própria prática docente cotidiana.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009) trazem informações sobre a linguagem do cinema e conhecimentos geográficos. Assim, é analisado três filmes, inicialmente, *O Jarro*, de Ebrahim, (1992), posteriormente *Central do Brasil* de Walter Salles (1998) e em seguida *Chinatown* dirigido por Roman Polanski (1974) As autoras traçam uma discussão sobre cada um dos filmes mostrando ao leitor vários aspectos geográficos que podem ser norteadores para compreensão sobre cada filme.

Outro trabalho que aborda aspectos geográficos consiste no estudo de Medeiros (2017) *O ensino de geografia e a narração fílmica: O contexto ficcional do filme a era do gelo 4*. Pode ser percebido pelo leitor aspectos geomorfológicos da paisagem contida no filme, elencando uma discussão sobre a separação dos continentes. Diante disso, Medeiros (2017, p. 51) “No filme [...] a separação dos continentes é iniciada de uma maneira cômica quando o esquilo dente de sabre Scrat, conhecido pela incessante obsessão por uma noz, a enfina no gelo que recobre a crosta terrestre, quebrando – a.”

Frigotto, Hoepers e Muterlle (2011), trazem informações a respeito da linguagem fílmica no ensino de geografia, discorrem que a sua utilização ajuda em vários aspectos como é o caso da interação entre professores e alunos. Sua obra cita o filme: *Desafio no ártico*, que através do filme supracitado os autores esclarecem sobre a possibilidade de discutir geograficamente o conceito de lugar e paisagem. os autores afirmam que: “Os variados elementos que compõem a paisagem do ártico Canadense podem ser explorados pelo professor que pode selecionar outras dinâmicas para trabalhar com o filme[...].” (FRIGOTTO; HOEPERS; MUTERLLE, 2011, P. 2359).

O mundo vem convivendo neste século com muitas mídias e informações propagadas constantemente. Para Barbosa (2003, p. 111) “Nossa vida cotidiana é cada

vez mais invadida por uma profusão voraz de imagens.” As tecnologias fazem parte da vida da sociedade moderna. Nota – se, que o meio tecnológico ao longo tempo foi adentrando ao cotidiano das pessoas, e os filmes por exemplo, estão sendo acessados atualmente sob diversas maneiras. Segundo Moretin (2009, p.67).

O cinema avança no século XXI enfrentando novos desafios decorrentes da convergência de diferentes mídias. Um filme, cada vez mais, poderá encontrar outras formas de difusão, tais como as televisões por assinatura, os aparelhos de DVDs e CDs, o computador, a telefonia celular, a internet e qualquer outro suporte analógico e/ou digital a ser criado no futuro.

Nesse cenário, de modernização e inserção de várias mídias no mundo, o filme continua a assumir vários contextos. Ou seja, no que diz respeito a pesquisa, para o entretenimento e também é um objeto utilizado pelos meios educacionais. Esse recurso tem sido pensado por várias disciplinas curriculares como é o caso da matemática, história assim como, a geografia, cuja disciplina é uma base importante e necessária para se compreender vários processos, fenômenos e transformações que estão acontecendo no espaço geográfico, espaço esse, repleto de múltiplas relações, mas também de contradições.

Fioravante (2016) discorre que o cinema constitui uma poderosa fonte de informação, assim como, os filmes produtos dessa forma artística são de grande importância para o ensino de geografia. O professor ao compreender sobre a linguagem do filme, sua importância e o papel dessa ferramenta no ensino, se permite entender outras dimensões e percepções a respeito do seu uso, possibilitando assim, avançar com práticas didáticas mais eficazes para o ensino – aprendizagem dos estudantes. Barbosa (2003, p. 112) diz que:

O papel do filme na sala de aula é o de provocar uma situação de aprendizagem para alunos e professores. A imagem cinematográfica precisa estar a serviço da investigação e da crítica a respeito da sociedade em que vivemos. Trata – se, portanto, de um movimento de apropriação cognitiva da relação espaço – imagem e, principalmente, da criação de sujeitos produtores de conhecimento e reconhecimento de si mesmos e do mundo.

Ao exercitar o trabalho com filmes no ensino, o professor de geografia oportuniza aos educandos conhecer distintas realidades que envolvem a *sociedade – natureza*, das quais poderão ampliar suas noções e concepções sobre o espaço geográfico. Muitos filmes por exemplo, trazem um contexto tão rico em imagens, sons e informações que permitem maior compreensão daquilo que está sendo projetado. Logo, é importante entender a respeito da escolha desse material, nesse sentido, Filho (2011, p. 66) argumenta que:

Escolher um filme como objeto de preocupação e reflexão é realizar um percurso no entendimento de que o cinema, através de sua linguagem, realiza uma “grafia de mundo”. Ou seja, estamos partindo do pressuposto de que a experiência do cinema é uma experiência geográfica, porque assumimos que há uma dimensão espacial inerente à linguagem cinematográfica perceptível em todas as suas obras: os filmes.

A partir do exposto, compreende – se que, essa mídia possibilita entre outras coisas ter experiências geográficas. A abordagem por meio dos filmes é enriquecedora não só para alunos, como também aos professores. Assim, “Analisar filmes ajuda professores e estudantes a compreender (apreciar, e, sobretudo respeitar) a forma como diferentes povos educam/ formam as gerações mais novas.” (DUARTE, 2002, p. 106).

O filme contribui para que o aluno estabeleça conexões com as imagens e sons em movimentos e os diversos saberes que perpassam sobre fatos ou fenômenos que ocorreram ou ocorrem num determinado espaço, abrindo caminhos para exercitar ideias e argumentos. Isso significa dizer que, os filmes para o ensino - aprendizagem ajudam a ampliar sobretudo, o repertório de conhecimentos dos estudantes. Conforme destacam Porto e Vlach (2015 p. 210)

Os filmes detêm extraordinário poder de representação espacial já que suas imagens são fruto do real observado e compreendido como resultado da ação humana sobre a natureza, o que pode gerar nos alunos a predisposição para por em prática o desenvolvimento de competências e habilidades referentes a Geografia.

Uma vez que, as habilidades e competências destacadas pelas autoras podem ser percebidas com ênfase nos estudos de Brasil (2017), pontos que vem sendo discutidos no campo da educação. Logo, neste documento, é destacado que uma das contribuições da geografia para os alunos da educação básica, é estimular o raciocínio geográfico, a fim de que, os alunos possam interpretar o universo dinâmico que compõe os elementos da sociedade e natureza. bem como na observação e interpretação dos acontecimentos que são localizados no tempo e no espaço.

Observa – se, que muitos filmes retratam dos mais diversos assuntos e que podem ou não ser associados as atividades escolares, por esse motivo é importante produções que versam sobre os conhecimentos geográficos e que permitam aguçar o raciocínio geográfico ⁹ e a percepção dos estudantes. Logo, por meio das produções

⁹ BRASIL (2017) expõe que: “O raciocínio geográfico, uma maneira de exercitar o pensamento espacial”. Para um melhor entendimento sobre o raciocínio geográfico, este item pode ser encontrado na *Base Comum Curricular, educação é a base (2017)* Assim, no livro é destacado uma breve descrição dos princípios do raciocínio geográfico,

filmicas o espectador pode se deparar com um universo de imagens e significados que permeiam o tempo e o espaço. De acordo com Filho (2011)

Ver um filme, portanto, é imergir num mundo que ali está sendo fundado, como já disse Wenceslau de Oliveira Jr. Mundo este composto de paisagens, de territórios, de simbologias, de afetos, de crises, de desejos. Cada um desses elementos se coloca diante de nós, espectadores, via sugestões, muitas vezes, verossimilhantes, outras menos objetivas, do mundo além-filme, para aquele dentro dele: experiências, memórias. (FILHO, 2009, p. 62).

É bom lembrar que, mesmo o filme sendo uma ferramenta que pode propiciar ricos momentos de aprendizagem no ensino, isso não quer dizer que, o professor se restrinja somente neste recurso. Ao contrário, pudemos observar no capítulo anterior diversas linguagens que ajudam entre tantas coisas para estimular a leitura e a interpretação sobre fenômenos socioespaciais. É importante, portanto, utilizar textos e outras ferramentas que fazem o diálogo com o conteúdo, a fim de construir e reconstruir os saberes que são almejados em cada etapa escolar. Segundo Cavalcanti (2010).

Pelos relatos de pesquisa percebe – se que os professores tem incluído em suas aulas textos de internet, letras de música principalmente o rap, livros literários, vídeos com filmes ou programas de televisão. No entanto, as atividades ainda precisam estar mais incorporadas ao cotidiano das aulas e trabalhadas de modo articulado ao conteúdo, como formas de expressão do conteúdo, como mediação para a construção do saber sistematizado, e não como algo que foge ao cotidiano ou como ilustração de temas. CAVALCANTI (2010, p. 10)

Para que a haja uma construção de conhecimentos necessários para a formação dos educandos é fundamental que ambos, conteúdo e o recurso pedagógico estejam em sintonia, ou seja, estejam articulados. É importante destacar que nem sempre essa mediação dos conteúdos é tarefa fácil para o professor, os desafios no âmbito escolar e fora dela existem, é algo que em algum momento pode ser percebido pelo educador. De acordo com Chiapetti e Freitas (2020, p. 20).

Não se pode negar que o trabalho com filmes no ensino de Geografia não é algo tão simples, pois não é apenas os indicar e levantar o debate sobre eles ou as questões que envolvem ou, ainda, exibi-los na sala de aula e pedir que os alunos comentem algo sobre eles. Ao contrário, há bastante complexidade nesse processo, sendo preciso que o professor exercite as suas habilidades de reflexão, de interpretação e de interação com os alunos.

É necessário discutir sobre os desafios que podem aparecer ao incluir o audiovisual na sala de aula. Mesmo com toda a relevância do cinema no contexto educativo ainda existem opiniões equivocadas a respeito do uso de filmes no espaço escolar. Napolitano (2009, p. 23) diz que: [...] “Clichês do tipo “Oba, hoje não tem aula,

tem filminho!” ou “Quando eu não quero dar aula, eu passo um filme” são reflexos da inadequação e do mau uso do cinema na escola.

Nem sempre o uso de filmes no espaço escolar é trabalhado de maneira coerente e planejada. Não é a toa que ainda existem várias ideias distorcidas a respeito desse objeto de análise. Por outro lado, o filme é considerado para muitos estudiosos e pesquisadores um recurso – didático pedagógico enriquecedor para compor as atividades. Para Chiapetti e Freitas (2020, p. 24), “[..] os filmes devem ser usados como instrumentos didático – pedagógicos atrativos na sala de aula, porque a linguagem cinematográfica pode alcançar todos os envolvidos com uma excelente capacidade de comunicação.”

E, essa enorme capacidade de alcançar multidões, diz muito sobre esse recurso, que tem transitado pelos diversos gêneros e temas que são difundidos na sociedade contemporânea, pela arte, e potencial de representar diversos momentos históricos e culturais. Reconhecendo essa imensa capacidade de comunicação e outros significados percebidos por meio das suas potencialidades para o ensino escolar. “[..]é urgente o trabalho educativo de formar e sensibilizar as novas gerações para a especificidade dessa linguagem”. (TEIXEIRA; LOPES, 2003, p.14).

Conversar com os alunos sobre esse recurso é importante, assim como também, alertar sobre as armadilhas que podem aparecer no universo midiático. Esse ponto reforça, entre outras coisas, para que os alunos percebam que nem todas as informações que são apresentadas pelos meios de comunicação são verdades incontestáveis. E a geografia por ser uma disciplina dinâmica que acompanha as transformações que estão acontecendo no mundo, exerce papel fundamental. Logo, podemos perceber a importância do desenvolvimento do pensamento socioespacial dos alunos para saber interpretar sobre os acontecimentos e contextos que estão sendo apresentados nos dias de hoje.

Assim, uma educação geográfica de qualidade que possa nortear o aluno para a construção do pensamento crítico e reflexivo, prezando sua autonomia e o protagonismo cidadão, ajuda para que o aluno perceba as transformações que estão ocorrendo na conjuntura atual. Diante disso, Callai, (2009, p. 16) expõe, “A finalidade da educação geográfica, é contribuir na construção de um pensamento geográfico, quer dizer desenvolver modos de pensar que envolvam a dimensão espacial”.

Portanto, a educação geográfica é considerada relevante nesse processo de dinamizar os conhecimentos. Assim também é importante frisar sobre a escola que constitui outro ponto a ser destacado, pois contribui na formação do pensamento dos

cidadãos e no aprimoramento de estudantes. Logo, é uma instituição que representa inúmeros significados a sociedade e aos estudantes, lugar esse, em que as estratégias, e as metodologias diversificadas são pensadas e aplicadas no currículo escolar. Para Vesentini (2003)

Mas a escola não é apenas uma instituição indispensável para a reprodução do sistema. Ela é também um instrumento de libertação. Ela contribui – em maior ou menor escala, dependendo de suas especificidades- para aprimorar ou expandir a cidadania, para desenvolver o raciocínio, a criatividade e o pensamento crítico das pessoas, sem os quais não se constrói qualquer projeto de libertação, individual ou coletivo. (VESENTINI, 2003, p. 16).

É essencial o trabalho da escola, pois ela em sua dimensão assume papel importante e pode contribuir de diversas maneiras para o ensino, como pode ser observado nas colocações feitas por Vesentini. Logo, não é diferente a importância da escola¹⁰ para uma aprendizagem diversificada em que os diversos saberes dialogam na busca pelo aprimoramento do conhecimento individual e coletivo.

Napolitano (2009, p.30) explica a seguinte maneira “Não se trata de aprender cinema no colégio, mas de aprender a pensar o mundo por uma das experiências culturais mais fascinantes e encantadoras dentro de uma instituição que tem muito a oferecer”. Até mesmo porque, nela são apresentados princípios, valores, costumes, questões culturais e digitais. Espera – se, que esses conhecimentos que são apresentados no cotidiano escolar e na vida dos estudantes venham agregar o repertório de conhecimentos que os alunos já trazem da sua própria vivência.

Coutinho (2009) explica que a contribuição da escola não deve esta pautada somente no conteúdo, mas de outras maneiras como é o caso das imagens e sons em movimentos contidas em muitos filmes buscadas pelo professor. Logo, elencou – se até aqui, vários trabalhos que dialogam com a linguagem do cinema e seus produtos, os filmes, abrindo espaço para se pensar a respeito do filme enquanto recurso didático pedagógico, e da importância do papel do professor e da escola em prol de um trabalho sistematizado para se avançar numa educação geográfica. Assim, na próxima seção deste estudo conheceremos com mais profundidade alguns limites e possibilidades para o trabalho com filmes, no espaço escolar geográfico.

¹⁰ “A importância da escola na sociedade moderna, assim como a importância da educação, [...] ela instrui gerações (ou até velhas, como nos dias atuais com a expansão da reciclagem das pessoas e profissões), adaptando – as, ou assimilando – as instituições, hábitos e valores da sociedade. VESENTINI, 2009, p.16).

4.1 Uma discussão sobre limites/ possibilidades para inserir filmes no ensino de geografia.

Os filmes nas aulas de geografia, é articulado por muitos professores dessa disciplina. Porém, conhecer alguns procedimentos básicos que venham favorecer uma inserção de forma coerente e planejada é fundamental. Assim, o professor deve levar em consideração as habilidades e competências que são essenciais para promover atividades didáticas, nos ciclos do ensino fundamental e ensino médio.

Trata – se de um recurso que não adentrou nas escolas recentemente, porém é uma linguagem que está sempre em renovação, podemos perceber a variedade de filmes e documentários que são lançados constantemente na atualidade, e com os mais diversos gêneros¹¹ muitos são trabalhados no ambiente escolar, como: Drama, Comédia, Aventura, foram citados estes, porém, existem outros. Assim, na perspectiva de compor um planejamento a partir dos filmes, parte – se do pressuposto que refletir algumas questões podem ajudar a nortear inicialmente e explicar o trabalho com essa ferramenta. Nesse sentido, Napolitano (2009, p. 22-23) diz que:

A rigor, qualquer disciplina pode trabalhar com o cinema em sala de aula. É preciso, no entanto, que o professor comece pelas perguntas fundamentais: O que eu quero com esse filme? Em que essa atividade se relaciona com o conjunto da minha disciplina e da área curricular? Quais são os limites e as possibilidades que essa atividade tem para o grupo de alunos em questão? Ao longo do ano, que outros filmes poderiam ser trabalhados de acordo com a orientação? Além desses procedimentos tão óbvios quanto importantes, o professor deve pensar o filme dentro do seu planejamento anual, de acordo com a Proposta Curricular oficial em consonância com a Proposta Pedagógica da Escola e seu Plano de Ensino.

Primeiramente, questões como essas, das quais foram abordadas por Napolitano, pode ajudar o professor a refletir sobre a inserção desse material na composição da matéria curricular. Embora o audiovisual seja um mecanismo interessante para fazer uso no espaço escolar, não basta simplesmente incorporar essa ferramenta nas aulas de maneira aleatória, sem conhecer suas possibilidades e limites, até mesmo porque, vários fatores são importantes para articular essa mídia na sala de aula.

Napolitano (2008) O professor ao incluir um ou outro filme nas atividades escolares deve levar em conta alguns fatores: 1) as metas que se deseja alcançar, 2) aparelhagem para a organização do filme, 3) articulação com o conteúdo que será debatido, 4) as habilidades e competências, 5) a questão conceitual que será enfatizada;

¹¹ Segundo Napolitano (2008, p.61), “[...] o gênero influência na receptividade da obra, pois sugere ao espectador como o filme deve ser visto, qual a dinâmica principal da fabula, o que deve e o que não deve acontecer com os personagens e as situações dramáticas.”

6) a faixa etária que deve estar em concordância com a turma, são alguns dentre outros aspectos que devem ser levados em consideração.

Existem vários pontos que ao serem traçados pelos professores, podem gerar uma harmonia tanto para o ensinar quanto para o aprender, a articulação do conteúdo, as habilidades e competências, servem para o planejamento das atividades com o audiovisual. A conexão com o conteúdo por exemplo é algo imprescindível pois é um momento em que o docente vai articular os materiais do conteúdo e da obra cinematográfica, logo, essas duas fontes de pesquisa articuladas, permitem que o aluno consiga fazer uma boa interpretação da obra que será analisada. Assim, o filme proporciona aos alunos a argumentação, a interpretação de fatos, inclusive, são elementos que estão entre as dez competências gerais da educação. Brasil (2017, p. 09)

Argumentar com base em fatos, dados e informações confiáveis, para formular, negociar e defender ideias, pontos de vista e decisões comuns que respeitem e promovam os direitos humanos, a consciência socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global, com posicionamento ético em relação ao cuidado de si mesmo, dos outros e do planeta.

Contextualizando o filme, a partir do que foi frisado por Brasil (2017), os diálogos que se apresentam em determinadas obras podem se referir a questões geográficas nas diferentes escalas. Nesse caso por exemplo, tratando de questões de ordem local, mundial ou regional, é preciso que o professor reflita quais possibilidades ou não, essa obra pode ajudar na organização do pensamento socioespacial dos alunos. É bom lembrar que refletir sobre as questões que ligam os conteúdos com o filme é algo que o professor não pode deixar de pensar.

Napolitano (2009) em seu trabalho, *Cinema: experiência cultural e escolar* menciona sobre duas maneiras para fazer uso do cinema na sala de aula. a) sobre essa abordagem enquanto “texto” produzindo debates e chama atenção ao fato de que pode ser bem mais apropriado, nesse sentido com relação aos temas transversais, b) nesse caso, como um “documento” está relacionado e é analisado nos aspectos culturais, conceituais, sobre a sociedade, ciência e outros. o respectivo autor lembra que dessa maneira enquanto documento cultural é mais apropriado com relação a projetos e que pode ser que o aluno só tenha esse contato com as obras cinematográficas nas organizações de projetos na escola.

Podemos observar que não se trata de utilizar o recurso na sala de aula de qualquer maneira, através dos estudos e pesquisas muitos autores como foi abordado trazem uma discussão para incrementar a utilização fílmica no espaço escolar. Em

contrapartida ainda é possível observar o seu uso de maneira aleatória, desse modo, é preciso desmistificar essa ideia de que, o filme pode preencher um tempo livre na sala de aula, trata-se de uma tecnologia composta de múltiplas linguagens, emana uma comunicação com o aluno por meio dos sons, das imagens em movimentos, além disso, por meio deste recurso o aluno pode conhecer vários territórios e lugares em diferentes momentos da história, e ter várias experiências no espaço escolar. Barbosa (2003, p. 109), informa que:

Apesar dos limites da forma de utilização dos meios audiovisuais, principalmente como substituto de professores, ainda acreditamos nas suas potencialidades de enriquecimento da relação ensino – aprendizagem. Tal posição exige, evidentemente, repensar a nossa relação com os “meios midiáticos”, em particular com o audiovisual, e construir propostas que possam oferecer experiências ricas e variadas de produção do conhecimento no espaço escolar.

Nesse sentido, há uma necessidade de se pensar sobre os audiovisuais, inclusive conhecer questões teóricas e metodológicas. Entretanto, não quer dizer que o professor para incorporar esse recurso nas suas aulas precise saber amplamente sobre essa linguagem, esta, por sua vez, pode ajudar a compor o repertório de conhecimentos dos professores, cito aqui o trabalho, *Caderno de cinema do professor: Dois*. Parte integrante do Projeto “*O cinema vai à escola - a linguagem cinematográfica na Educação*” Este material traz luz, vários textos de autores que discutem sobre a linguagem cinematográfica na educação, entre os quais Napolitano e Fusari, autores citados neste estudo.

Neste contexto, o trabalho, *A linguagem do cinema no currículo do ensino médio: um recurso para o professor*, Fusari, (2009), dentre suas contribuições que são focalizadas para o ensino médio, trazem sugestões para auxiliar nas experiências antes da projeção, durante e após a exibição do filme. Entre os pontos colocados pelo autor antes da exibição inclui, assistir com antecedência, ou seja, antes da atividade com os alunos e fazendo o planejamento em concordância com o plano. Outro ponto é esclarecer com os alunos os propósitos para aplicação do filme, assim como também explicar sobre a importância do uso do filme no contexto curricular.

Para a exibição na sala de aula, é necessário que ambos: filme e conteúdo tenham conexão, em razão disso, é necessário um planejamento metodológico que fornecerá um direcionamento para a atividade. Napolitano (2008, p.82), “[...] é de fundamental importância a elaboração de um roteiro de análise”. O referido autor explica que, o roteiro pode prosseguir da seguinte maneira: a) de maneira informativa no qual o

aluno é incentivado a buscar informações contidas no filme que podem ser elas: ficha técnica, gênero, tema central e do tipo b) interpretativa, nessa circunstância pode ser organizada questões destinadas para o aluno, contendo informações do filme e conteúdo.

O alerta de Campos (2006), se volta para o fato de que, o filme na sala de aula não pode ser rotulado como um substituto de professores, pois este é um recurso que auxilia na aprendizagem dos estudantes, por esse motivo deve ser repensando o seu uso, e chama atenção ao fato de que o cinema pode ser bem produtivo na sala de aula a partir do gênero de documentário ou curta metragem de ficção, essa categoria tem suas vantagens para abrir discussões sobre temáticas que o professor venha propor. Logo, o autor explica como um filme pode ser produtivo em sala de aula, e explica que: “não parece muito correto utilizar duas ou três aulas, em dias diferentes, para passar um filme e somente discuti-lo na outra semana”. (CAMPOS, 2006, p. 02).

Outro ponto relevante é com relação aos assuntos que o professor pode associar com o audiovisual no ensino de geografia, pois além da disciplina geográfica trabalhar com uma dinamicidade de saberes, nos dias de hoje já existem filmes que abordam inúmeros fatos sobre questões ligadas as dinâmicas naturais da terra. Chiapetti e Freitas (2020, p. 24) abordam alguns exemplos:

No caso específico do ensino de Geografia, pode se utilizar o filme com o intuito de estimular questionamentos que abordem questões sociais, culturais, ambientais (que englobem, por exemplo, questões sobre a importância da conservação das nascentes dos rios, degradação do meio ambiente, poluição, sempre buscando associação em conteúdos geográficos que se quer trabalhar.

E no processo de trocas de informações sobre o assunto ou temática abordada o filme pode aprofundar vários processos e o professor tem a função de mediar as informações que perpassam pelo recurso fílmico, e o conteúdo explanado. E mesmo com toda a amplitude de filmes e assuntos que podem ser trabalhados no cotidiano do currículo escolar, todavia, é importante ter cuidado com relação ao que será lançado mão na sala de aula, pois os filmes expressam incontáveis significados e sobretudo, é fundamental estar atento ao conteúdo abordado, pois havendo sintonia com o filme, o conteúdo e os objetivos almejados, torna – se mais difícil cometer alguns erros que venham comprometer o aprendizado.

No entanto, colocar um filme que não esteja alinhado com o conteúdo pode gerar experiências não tão dinâmicas e significativas, deixando até mesmo de ser levantado várias questões caso essa inserção no ensino não seja de maneira harmônica. Porto e Vlach (2015 p. 215), “Cair no erro de apresentar algum filme em que os conteúdos

não condizem com as temáticas geográficas que se propõe explicar, ou, mesmo que representadas, apresentam – se de forma inadequada é uma armadilha a ser evitada”

No tocante ao desenvolvimento das práticas com o uso de filmes no ensino de geografia é importante que o professor tenha um direcionamento acerca das questões que poderão servir de ideias para trabalhar ou reformular debates na disciplina curricular, em vista disso, tem – se no trabalho do Paraná (2008, p. 52) algumas questões que podem ajudar a direcionar o trabalho do professor de geografia.

- Onde?
- Como é este lugar?
- Por que este lugar é assim?
- Por que aqui e não em outro lugar?
- Por que as coisas estão dispostas desta maneira no espaço geográfico?
- Qual o significado deste ordenamento espacial?
- Quais as consequências deste ordenamento espacial?
- Por que e como esses ordenamentos se distinguem de outros?

Ou seja, assim como essas, existem várias outras questões que podem nortear os debates com o audiovisual. Outro ponto que cabe dizer é que no Brasil nem todas as escolas possuem dispositivos que favoreçam o trabalho com filmes pelo professor, isso significa dizer que, para proporcionar esse tipo de atividade muitas das vezes o professor recorre ao seu próprio material para prover a falta do recurso. Assim, muitas das vezes quando tem tais dispositivos na escola, nem sempre estão em ótimas condições.

Portanto, percebe – se que existem uma série de fatores que podem possibilitar ou limitar o uso de filmes no espaço escolar. Assim, para o capítulo seguinte, tem como roteiro de análise, o filme “Vida Maria”, abordando as relações entre a linguagem do filme e o ensino de geografia.

5 O ENSINAR GEOGRAFIA A PARTIR DO FILME VIDA MARIA, NARRATIVAS E RECURSOS IMAGÉTICOS.

Para o entendimento do que pode ser compreendido sobre um estudo de caso vários autores descrevem sobre essa modalidade de pesquisa. De acordo com Yin (2001, p. 21) “O estudo de caso contribui, de forma inigualável, para a compreensão que temos dos fenômenos individuais, organizacionais, sociais e políticos”. Assim, no processo de contextualização do respectivo estudo de caso, será iniciado uma breve descrição do objeto analisado que consiste no filme “Vida Maria”

5.1 Uma breve descrição do filme “Vida Maria”.

O curta-metragem “Vida Maria”¹² de Marcio Ramos (2006) foi um projeto apoiado pela Lei Estadual de incentivo à cultura Lei N° 12.464 de 29 de junho de 1995. Uma envolvente história produzida em computação gráfica 3 D, com aproximadamente nove minutos, que conta a história de Maria José, uma menina com cinco anos de idade. O filme inicia – se com ela ajoelhada em um banquinho de madeira e debruçada sobre a janela, com um semblante radiante, escrevendo com traços de uma escrita infantil seu nome, “Maria José”

Logo, é interrompida pela voz grosseira de sua mãe que diz:” *“Maria José, oh! Maria José, tu não tá me ouvindo chamar não, Maria? tu não sabe, que aqui não é lugar pra tu ficar agora? Em vez de ficar perdendo tempo desenhando nome, vá la pra fora arranjar o que fazer! Vá, tem pátio o pra varrer, tem que levar água pro bicho, vai menina, vê se tu me ajuda, Maria José!”*. Prontamente Maria José obedece, correndo em direção aos afazeres ordenados pela mãe.

Inserida no cenário de uma paisagem do sertão Nordeste, na cronologia do filme, o tempo passa mostra o cansaço estampado no rosto da jovem personagem, que se tornara cada vez mais distante dos momentos de satisfação, sob a janela. Maria José vai ganhando contornos de uma mulher adulta, que casa com Antônio constrói sua família, ao lado de seu marido e filhos, com uma vida sem perspectivas de um futuro diferente e promissor. A câmera gira em torno dela na qual é possível vê-la no quintal socando milho

¹²O filme “Vida Maria” recebeu vários prêmios dentre eles, o 3° prêmio Ceará de Cinema e vídeo realizado pelo Governo do Estado do Ceará.

no pilão, ajeitando roupas no varal, varrendo o quintal, que conforme o tempo passa é possível vê-la idosa e com o rosto envelhecido.

Em seguida, a personagem sai em direção a filha Maria de Lourdes com um olhar rude, reproduzindo os mesmos dizeres de sua mãe. Logo, fica subtendido um ciclo de “Marias”, o futuro parece determinado, a menina corre com medo em direção ao quintal para fazer o que a mãe lhe exigira, como retirar água para levar aos bichos, varrer o quintal, socar o pilão, estender roupas. Assim no desfecho do filme, a cena revela o caderno sob a janela aberta, com algumas páginas sendo folheadas e expostas ao vento, com os seguintes nomes: Maria de Lourdes, Maria José, Maria Aparecida, Maria de Fatima, Maria das Dores, Maria da Conceição e Maria do Carmo.

5.2 A Geografia no filme “Vida Maria”

“Vida Maria” é um filme que pode ser analisado sob o olhar geográfico pois possui vários elementos que podem servir de sustentáculo para compreensão e contextualização de conceitos como: o espaço, território, paisagem, lugar e região. No desenvolver do filme aparecem vários detalhes que remetem a vegetação, o clima, questão hidrográfica, questão social, econômica e cultural dessa região.

O filme “Vida Maria” logo em seu início aparece a personagem debruçada sob a janela apoiada em um banquinho de madeira escrevendo seu nome “Maria José”. Em um cômodo que transparece a simplicidade de sua casa. Vários detalhes ajudam na compreensão da análise filmica. Nesse contexto, é possível observar no filme que na medida em que o foco se aproxima da menina, tem-se a possibilidade de enxergar com clareza a sua feição, que revela uma graciosa tiara na cabeça e vestimenta delicada com flores e com tonalidade azul. Como mostra a figura 1 a seguir.

Figura -1 A personagem escrevendo seu nome “Maria José”.



Logo em seguida, aparece a mãe de Maria José, interrompendo a filha em um momento mágico de estudo e escrita, exigindo da menina que se dirija aos afazeres domésticos, que logo, obedece correndo em direção ao quintal em meio ao pedido da mãe, levando a compreensão de que os afazeres domésticos começam a ser estingados logo na infância, deixando de lado seus momentos de concentração no estudo que fazem parte do processo de aprendizagem. De acordo com o DCTM (2019, p.22)

A criança/estudante para se alfabetizar necessita interagir com outras pessoas, ter contato com diferentes textos de diferentes gêneros, experienciar a escrita em diferentes contextos, inclusive produzindo os próprios textos, mesmo que ainda não domine a grafia. Portanto, a leitura e a escrita devem ser compreendidas e aprendidas nos anos iniciais e continuada nos diferentes graus e modalidades do ensino.

Neste contexto, fica evidente a importância da alfabetização na vida da criança e do adolescente, que necessitam vivenciar o processo de aprendizagem. Em contrapartida no filme, as “Marias” acabam deixando de lado os momentos de satisfação e escrita, passando a exercer outras atividades que correspondem: ajudar nos afazeres domésticos, constituir família na fase adulta e cuidar do lar.

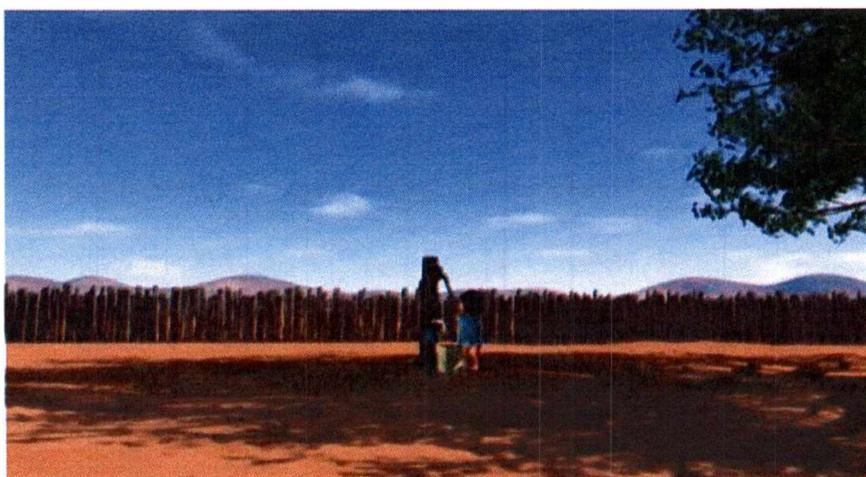
É possível perceber uma reprodução do analfabetismo, que vai se perpetuando na geração das “Marias”. A questão do analfabetismo é uma situação que não se restringe somente no filme, mas sim, é uma realidade que afeta diretamente na vida de inúmeras pessoas, verificadas nos diferentes grupos populacionais, segundo a Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílio - PNAD (2019).

Nota-se que, no Brasil, o analfabetismo está diretamente associado à idade. Quanto mais velho o grupo populacional, maior a proporção de analfabetos. Em 2019, eram quase 6 milhões de analfabetos com 60 anos ou mais, o que equivale a uma taxa de analfabetismo de 18,0% para esse grupo etário. Ao incluir, gradualmente, os grupos etários mais novos, observa-se queda no analfabetismo: para 11,1% entre as pessoas com 40 anos ou mais, 7,9% entre aquelas com 25 anos ou mais e 6,6% entre a população de 15 anos ou mais. (PNAD,2019, p.02).

A realidade do analfabetismo pôde ser verificada com os dados da PNAD. No caso do filme “vida Maria” além do analfabetismo presente na família, verifica – se também a questão da pobreza em que a família se encontra, em que é perceptível a simplicidade dos personagens, a casa com uma aparência humilde, as atividades desenvolvidas por Maria José e pelo marido Antônio lembram espontaneamente muitas famílias que existem no meio rural em que as mulheres cuidam do lar, o marido e os filhos homens saem para trabalhar e a mãe com as filhas mulheres cuidam da casa, cuidam dos bichos, ou seja, assumem as tarefas domésticas.

No decorrer do filme Maria José, ao sair em direção ao quintal de casa para fazer as tarefas domésticas, a cena revela, geograficamente semelhanças com a paisagem característica do Sertão Cearense do Nordeste Brasileiro. Segundo Bernardes (1999, p.69). “Difícilmente poderíamos dar uma descrição simples e completa do que comumente chamamos de Caatinga Sertaneja¹³. Ela é muito vasta, abrangendo estados ou grande parte de outros”. Nesse ponto, o professor pode argumentar a respeito das formações vegetais que ocorrem no Nordeste. Na Figura 2 a seguir é possível ver uma relação entre a paisagem do sertão Nordestino com o filme.

Figura 2- Paisagem do sertão Nordestino no Filme “Vida Maria”



Fonte: cenas capturadas do filme “Vida Maria”

Para a compreensão da paisagem¹⁴ torna - se relevante conhecer o conceito de Santos (1988 p.23) que diz: “Uma paisagem é uma escrita sobre a outra, é um conjunto de objetos que têm idades diferentes, é uma herança de muitos diferentes momentos”. Através desse conceito de Santos podemos compreender que uma paisagem pode ser também compreendida pela heterogeneidade ou seja diferentes situações que podem ocorrer e levando – se a constituir uma paisagem.

¹³ “Geralmente associa – se a ocorrência das Caatingas á existência do clima semiárido que vigora em significativa parte do sertão do Nordeste”. (BERNARDES, 1998, p.70).

¹⁴ Segundo Santos (1988, p.21) “A paisagem é tudo aquilo que nós vemos, o que nossa visão alcança, é a paisagem. Esta pode ser definida como o domínio do visível, aquilo que a vista abarca. Não é formada apenas de volumes, mas também de cores, movimentos, odores, sons e etc.

Vida Maria oportuniza o aluno a reflexão, autorreflexão, sobre aquilo que é percebido, permitindo a construção não somente do conceito paisagem mais de outros conceitos geográficos que transpassam no ensino-aprendizagem. Cavalcanti (2010) corrobora explanando sobre os conceitos de autorreflexão e sócio reflexão dos alunos:

Essa é uma ação didática muito importante para o desenvolvimento intelectual dos alunos, particularmente para o processo de construção de conceitos, na medida em que pode interferir eficazmente na formação de uma consciência reflexiva. Trata – se de propiciar atividades no ensino que estimulem a autorreflexão e o controle deliberado do pensamento, desenvolvendo assim as funções da atenção, da percepção, da memória. (CAVALCANTI, 2010 p. 162)

Logo, compreende-se que o professor ao utilizar o filme como atividade pode para além do aprendizado estimular a atenção e a percepção dos alunos. O professor de geografia pode ajudar na mediação para a construção deste e outros conceitos geográficos com o intermédio dos alunos, nesse sentido, Cavalcanti (2010) expõe que:

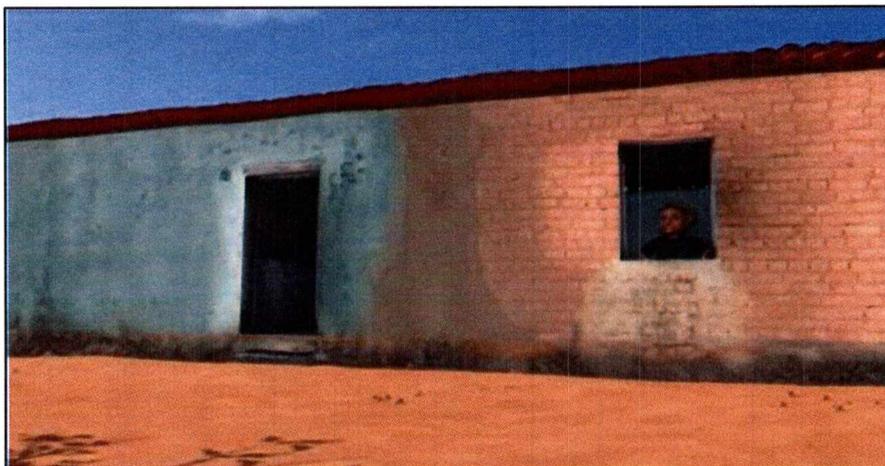
Para a construção do conceito de paisagem no ensino de geografia, concordando com Santos, é importante considerar esse conceito como primeira aproximação do lugar, chave inicial para apreender as diversas determinações desse lugar. Partir daí, análise poderia se encaminhar para o entendimento do espaço geográfico, por meio de sucessivas aproximações do real estudado.

Por meio da discussão apresentada no curta “Vida Maria”, o professor pode trabalhar as contradições do espaço rural e urbano, as regiões do Brasil com ênfase na região nordeste, correlacionando com a seca e enfatizando as desigualdades sociais contidas no território. Assim que Maria José corre em direção aos afazeres domésticos, como pode ser visto na figura anterior, o foco aponta para a casa da menina, exibindo a mãe da personagem próximo à janela, observando a filha atentamente a cumprir os afazeres impostos por ela.

No que se refere a janela no curta metragem pode ser compreendido por Burach (2017, p. 45) a seguinte maneira “Com efeito, a janela, no funcionamento do curta, não tem um sentido único, evidente, mas é ao mesmo tempo um lugar de recolhimento, tranquilidade, sonho, abertura e ao mesmo tempo opressão, controle e manutenção da mesmice”.

A figura -3 traz uma cena capturada do filme, onde se revela a casa da família de Maria, que trazem aspectos de uma família humilde e simples. Vários pontos levam a essa compreensão, como por exemplo, a vestimenta dos personagens, a própria estrutura na parte interior e exterior da casa, sendo perceptível uma casa inacabada, a propriedade é delimitada pela cerca de madeira, a pintura é vista somente em um lado da casa e com fisionomia velha.

Figura -3 casa da família.



Fonte: Cena capturada do filme “ Vida Maria”

A questão da pobreza na contemporaneidade é uma realidade perceptível em várias regiões do país. Não é atoa que essa temática tem difundido várias pesquisas relacionadas ao quadro de pobreza e questão socioeconômica da população Brasileira. De acordo com o IBGE¹⁵ (2019, P.58) “Quase metade (47,0%) dos brasileiros abaixo da linha de pobreza em 2018 estava na Região Nordeste”. Ou seja, é uma região em que foi constatado problemas associados a distribuição da renda. Esse contexto econômico e social também nos leva a refletir sobre as políticas públicas que estão sendo desenvolvidas ou não para o quadro da população que se encontra enquadrada nessa condição estrutural.

A partir dos dados que pudemos observar pelo IBGE (2019) é cabível dizer que no Brasil existem pessoas, famílias vivendo em condições precárias, por diversos fatores que não cabe nesse trabalho se prolongar. No curta, por exemplo, a percepção que se tem é de uma realidade de constante trabalho pela família das “Marias,” que enfrentam um desafio diário pela sobrevivência na zona rural dessa região, um caso que nos leva a interpretar como uma herança de pobreza que vai se perpetuando na geração das “Marias”.

Essa obra possui vários detalhes que chamam a atenção do sujeito como: o colorido das imagens, a música, a textura nos personagens que lembra de forma espontânea os seres humanos, ou seja, “Vida Maria” tem a ver com arte, esta obra

¹⁵ Para mais detalhes sobre a temática da pobreza, tem se o trabalho Síntese de indicadores sociais: uma análise das condições de vida da população brasileira: 2019 / IBGE. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>

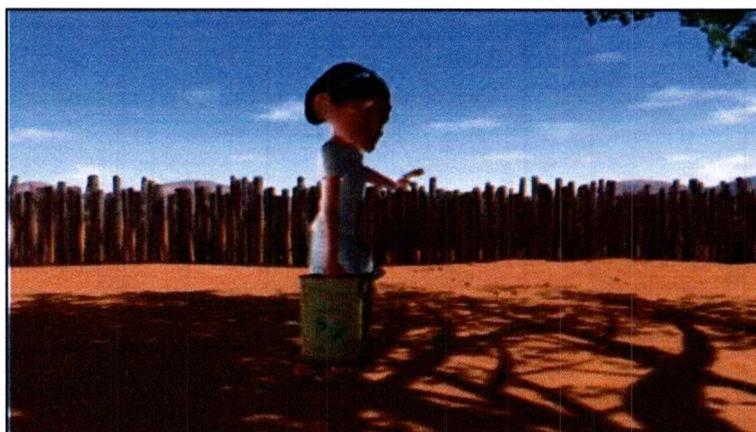
conseguiu reunir vários elementos que ajudam na compreensão sobre vários fatos presentes na realidade Brasileira. A música é um elemento que chama atenção no desenvolver do filme, pois é perceptível que algumas cenas, a música é leve e delicada e em outros soa de maneira tensa dependendo da condição que vai sendo revelada. Segundo Burach (2017)

A trilha sonora pode ser utilizada como um elemento significativo na contemporaneidade na maioria das produções cinematográficas. Significa tanto no que diz respeito ao grau de importância, quanto pelo fato de que a música e imagens em movimento que acompanham a materialidade visual são capazes de produzir uma multiplicidade de sentidos em cada cena (48 e 49)

Esse elemento no curta pode ajudar na interpretação e compreensão nas cenas do filme. No que se refere a música, é um detalhe que também pode ser destacado pelo próprio aluno nos momentos de interpretação da obra. Diante de vários elementos que podem ser compreendidos enquanto arte nesse espaço cinematográfico. Coloco aqui as palavras de Carvalho Júnior (2016, p. 102). “A arte é intuição, sensibilidade e interpretação. O artista ao fazer arte, abre uma fenda na realidade, por meio da qual os alunos podem conhecer o espaço geográfico sob novas lentes”.

Sobre a temática da região Nordeste, que compreende um assunto trabalhado pela disciplina geográfica curricular no ensino. Na Figura 3 é possível ver a imagem de Maria José carregando uma lata d’água no quintal de sua casa, sua expressão de cansaço mostra uma rotina diária de trabalho sob a luz do sol. Nessa imagem pode ser evidenciado com os alunos sobre a questão Hidrográfica da região nordeste, a luta de várias famílias que passam pela situação da seca no período de estiagem.

Figura – 4 Maria José, trabalhando sob a luz do sol



Fonte: cenas capturadas do filme “Vida Maria”

Identifica – se que a personagem Maria José, para realizar as tarefas diárias necessita buscar água e percorrer pelo quintal, nesse momento a menina caminha com dificuldade para realizar as tarefas, como por exemplo: levar água para os bichos. Esse recurso natural no Brasil em alguns lugares existem algumas complicações quanto a sua distribuição acarretando problemas de falta d'água. No trabalho intitulado: Conjuntura Recursos Hídricos no Brasil a agência Nacional de águas e saneamento básico ANA (2020) informa que:

O semiárido nordestino é caracterizado por longos períodos de secas e rios intermitentes, que passam a maior parte do ano sem água. Os açudes são utilizados para armazenar a água para estes períodos de seca, constituindo, portanto, os principais mananciais para esta região. (ANA, 2020, p. 28)

O professor ao enfatizar sobre o sertão nordestino é importante atentar – se ao fato de que a região Nordeste possui várias riquezas regionais que podem ser exploradas no ensino, não limitando – se somente com informações restritamente a seca, tem - se vários conhecimentos que remetem as paisagens naturais que podem ser exploradas nos aspectos culturais, ou socioeconômicos, e demográficos dessa região.

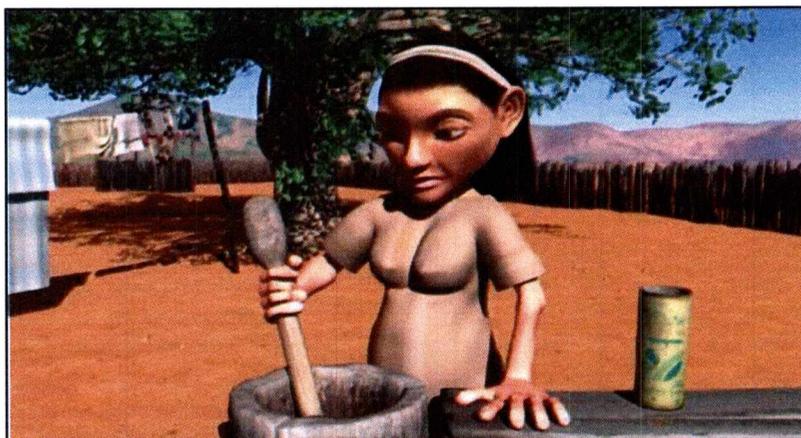
A jovem Maria José passa pela fase infantil, adentra na adolescência e posteriormente na fase adulta, constitui família com Antônio na mesma realidade de vida e trabalho, é interessante observarmos que se compararmos a vida de Maria José na infância podemos perceber que quase nada mudou, chamo aqui a atenção alguns pontos como por exemplo: a casa de Maria, a cerca que delimita a propriedade, a condição financeira que ela e sua família estão ligadas.

Com base no que foi observado, a família das “Marias” utiliza do seu território para criação e sustento da família, além das mulheres fazerem os trabalhos domésticos no sítio é perceptível a criação de bichos. Constata – se uma relação muito próxima com o meio rural, no entanto, essa realidade vivida pela família para muitos telespectadores/ alunos podem ser visto como lugar de atraso e pobreza pela situação retratada no filme, esse contexto de trabalho no espaço rural lembra um cenário vivido por muitos camponeses povos e comunidades que residem no território Brasileiro, que tem a terra como abrigo, identidade que tiram o sustento da família.

Dando seguimento na análise fílmica, Maria José aparece nessa cena casada e grávida fazendo os afazeres que normalmente desempenha, socando milho no pilão, diante disso o semblante já não reflete um rosto sereno e tranquilo, mas sim pode ser

interpretado como uma forte expressão de cansaço por meio do trabalho braçal sob a luz do Sol ardente socando milho no pilão como poderá ser visto na figura 4 a seguir.

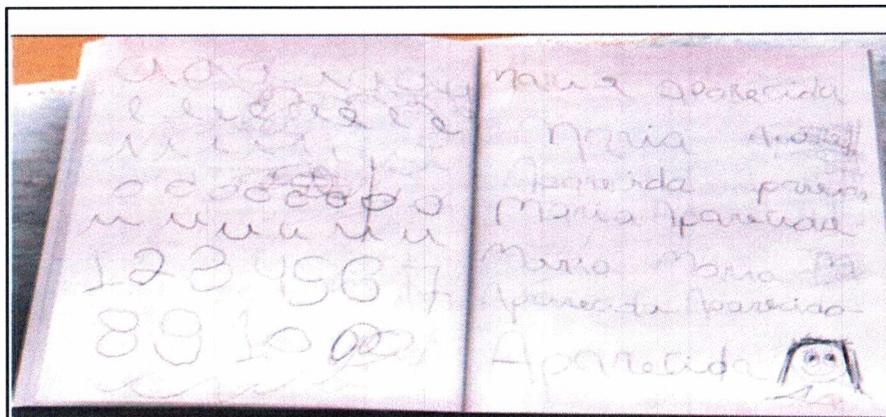
Figura – 5 Maria José grávida socando milho no pilão.



Fonte: Cena capturada do filme “Vida Maria”

A cena vai dando prosseguimento e Maria José fica a observar os filhos homens pedindo a ela a sua bênção, a compreensão que se tem, ao seguirem percurso pelo quintal é como se estivessem indo trabalhar. Tal contexto nos leva a pensar o seguinte fato: enquanto Maria é mãe e esposa vive suas obrigações junto a família, em contrapartida no que se refere aos filhos homens não compete aos afazeres domésticos, essa lida é direcionada a filha mulher como é visto no filme. Novamente a cena se repete, entretanto, com a sua filha Maria de Lourdes que encontra - se apoiada na janela em um momento de construção de desenho, sendo instigada pela mãe a parar aquele momento e debruçar nas tarefas do sítio. Logo, a mãe com uma expressão pensativa diz “Fica aí fazendo nada, desenhando nome”.

A história se repete com o não incentivo da mãe ao estudo, esse processo que é primordial ao ser humano, no filme não é posto como prioridade. Vida Maria traz uma repetição de histórias de muitas “Marias” de mulheres que não puderam e não tiveram força o suficiente para encarar o protagonismo da própria história de vida. na figura 5 a seguir mostra um dos nomes folheados ao vento na janela “Maria Aparecida” um nome descrito no caderno em meio a vários outros, como Maria de Lourdes, Maria José, Maria de Fatima, Maria das Dores, Maria da Conceição e Maria do Carmo.

Figura – 5 Maria Aparecida

Fonte: cena capturada do filme Vida Maria

Diante do exposto, constata-se que o filme “Vida Maria” é relevante ao ensino de geografia na medida em que a história retratada pode servir para reflexão sobre assuntos geográficos e conceituais como por exemplo: o espaço, território, paisagem, lugar e região que fazem parte de assuntos que permeiam o ensino. Ou seja, são informações que levam o aluno a pensar espacialmente, a observar e interpretar a relação do homem com o espaço, as contradições e desigualdades sociais contidas no território, além de estimular a observação e interpretação do aluno diante de metodologias diversificadas.

6 O QUE DIZEM OS PROFESSORES

Este item do trabalho, inicia – se por meio de uma justificativa que diz respeito ao atual cenário pandêmico. Inicialmente este estudo foi pensado para contemplar aluno/ professor de geografia em uma escola da rede pública estadual de forma presencial, entretanto, com os reflexos causados pela pandemia da Covid – 19, decretos entraram em vigor no país, inclusive estabelecendo o ensino remoto, no mesmo período de elaboração deste trabalho, ou seja, ficou inviável prosseguir-lo na forma pensada originalmente, englobando ambos, alunos / professor de geografia, em meio a um momento de crise sanitária que se estabeleceu no mundo.

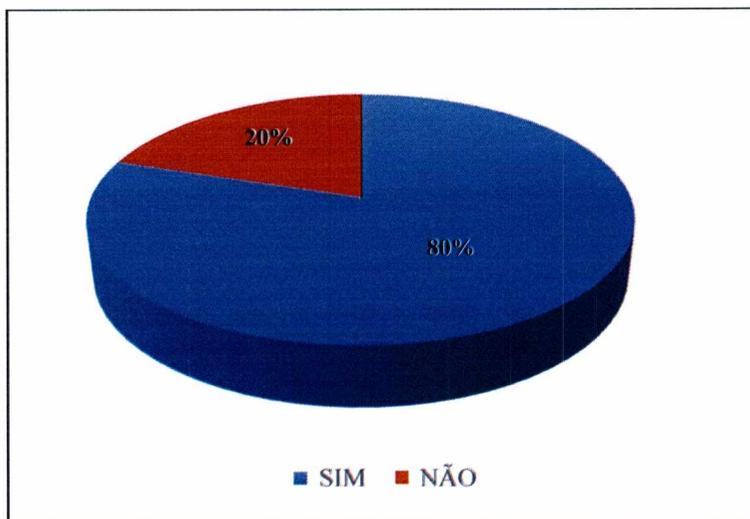
Várias estratégias foram e estão sendo tomadas para o prosseguimento de atividades nos mais diversos setores, neste caso, optou – se por utilizar a ferramenta *Google Forms* para elaboração e envio de questionários *online* direcionados para professores de geografia. Essa pesquisa foi feita de forma qualitativa, com 10 participantes. Os questionários foram encaminhados virtualmente para os docentes, disponibilizados via e-mails, e link de Whatsapp, ou seja, um convite feito ao professor para responder 08 questões, entre as quais, 06 de múltipla escolha e 02 de forma aberta, tal recurso, permitiu acompanhar a contabilização das respostas em tempo real.

A primeira pergunta investigou o professor sobre a utilização de filmes como recurso didático no ensino de Geografia. 100% dos professores responderam que sim, eles percebem a riqueza dessa utilização. Essa resposta não se vincula ao fato de usarem ou não na prática docente. Esta unanimidade pode ser explicada pelo fato de que atualmente já é prática em muitas disciplinas e Cursos. Portanto, há um reconhecimento de que os filmes no espaço escolar podem atuar para compor e incrementar diversas atividades que ajudam na percepção, interpretação, e na argumentação.

Pontuschka, Paganelli e Cacete (2009, p. 265) dizem que “É, portanto, uma produção cultural importante para a formação do intelecto das pessoas, porque com eles aparecem questões cognitivas, artísticas e afetivas de grande significado”. Portanto neste gráfico e com base nos dados permite - se concluir que os docentes desta pesquisa consideraram o filme um recurso pedagógico para o ensino de geografia.

Seguindo com as interpretações, no gráfico – 1, é questionado se o professor costuma utilizar os filmes nas aulas de geografia

Gráfico – 1 Professores que costumam utilizar Filmes nas aulas de geografia.



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

No gráfico – 1, consta que uma grande parcela dos professores disse utilizar os filmes nas aulas de geografia, em contrapartida 20 % dos participantes responderam que não costumam utilizá-los, ou seja, constata -se que o quantitativo de professores que utilizam os filmes na disciplina geográfica é superior aos que não fazem uso no espaço escolar. Para Duarte (2002, p. 93) “O cinema já faz parte, há bastante tempo, das aulas de História e Geografia. Parecem ser os professores dessas disciplinas os que mais exibem filmes nas aulas e os que mais participam de projetos institucionais que articulam cinema e escola”.

É uma linguagem conhecida no âmbito educacional e que faz parte do roteiro de vários professores de geografia. Assim, acredita – se, que os docentes que buscam fazer a mediação da linguagem fílmica no ensino de geografia é porque acreditam que essa ferramenta pode ser relevante para o ensino – aprendizagem dos estudantes.

Seguindo com a análise, é possível conferir no quadro – 1, sobre a frequência com que os professores costumam trabalhar com filmes no ensino de geografia.

Quadro – 1 Uso dos filmes pelo professor de geografia

RELATO DOS PROFESSORES
• <i>Trabalho com filmes de acordo com a temática.</i>
• <i>Depende do assunto a ser dado</i>
• <i>No mínimo uma vez a cada período.</i>
• <i>Quase nunca</i>
• <i>Poucas</i>
• <i>De acordo com o assunto do bimestre escolho os filmes que irei abordar e os alunos gostam bastante.</i>
• <i>Usei somente uma vez!</i>
• <i>1 por mês</i>
• <i>Mensalmente ou quando o assunto requer</i>
• <i>Às vezes</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Diante dos relatos dos professores no quadro – 1, observa – se que, de 10 (dez) respostas (quatro), 4 delas estão no sentido de que os filmes não são utilizados com muita frequência. Fato esse verificado nas falas dos professores a seguir, 4 - “Quase nunca”, 5 - “poucas”, 7 - “usei somente uma vez”, 10 - “às vezes”, logo, também é observada outras 4(quatro) colocações em que o termo utilizado, entre os docentes denomina – se “temática ou assunto”, ou seja, compreende – se que para haver a inserção dos filmes depende do assunto a ser abordado. Tal contexto, pode ser explicado a partir do ponto de vista da autora, Duarte (2003, p.88) que diz que o professor é orientado pelo conteúdo que deseja apresentar:

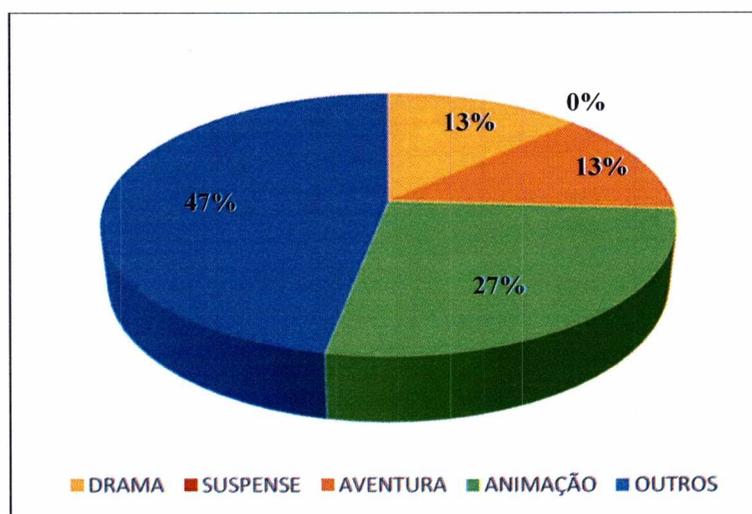
[...] Geralmente, a escolha dos filmes que são exibidos em contexto escolar dificilmente é orientada pelo que se sabe sobre cinema, mas, sim, pelo conteúdo programático que se deseja desenvolver *a partir ou por meio* deles. Nesse caso, o filme não tem valor por ele mesmo ou pelo que ele representa no contexto da produção cinematográfica como um todo; vale pelo o uso que podemos ou não fazer dele em nossa prática pedagógica.

Percebe – se que quanto a escolha dos filmes no espaço escolar também está relacionado com o conteúdo programático no qual é frisado pela autora, verificado – se, que nesta pesquisa, o professor ao ser questionado com que frequência costuma utilizar filmes no ensino de geografia, quase metade dos docentes disseram utilizar os filmes de acordo com o conteúdo programático, e a outra parcela não utiliza com muita frequência.

Todavia, a não utilização do audiovisual no ambiente escolar pode estar relacionada com vários fatores inclusive pela própria dificuldade de manuseio com o recurso midiático, por isso, é importante dizer o quanto é relevante os professores se adequarem tecnologicamente.

Outra pergunta no questionário referi - se sobre quais gêneros cinematográficos os professores costumam utilizar nas aulas de geografia, como é possível identificar no gráfico 2 a seguir.

Gráfico – 2 Gêneros cinematográficos nas aulas de geografia.



Fonte: dados da pesquisa, 2021.

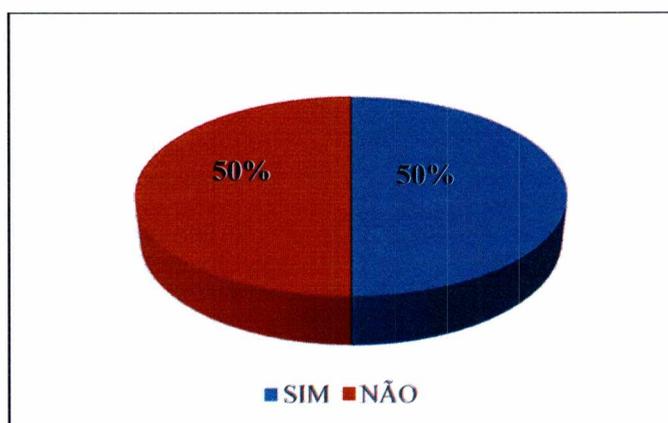
O gráfico – 2, contém 4 (quatro) gêneros cinematográficos, além disso, tem – se a opção outros, que quando questionados para os professores de geografia sobre quais gêneros costumam utilizar no cotidiano escolar, verificou - se que dos 10 (dez) participantes, 9 (nove) responderam a esse questionamento, constatando que das opções mencionadas no gráfico, a mais contabilizada consistiu em “outros”, com 47%, logo, seguido do gênero de animação com um percentual de 27%, nos gêneros drama e aventura foram apontados 13% cada, e 0% no quesito suspense.

Ao buscar um filme, o gênero da obra pode ajudar o professor na hora de optar por qual filme pode se encaixar aos objetivos traçados pelo docente. Além desses gêneros supracitados existem vários outros que são observados nos dias de hoje no cinema comercial, que são eles: Western, ficção científica, comédia e outros. A dinamicidade de conhecimentos que envolvem a linguagem cinematográfica pode ajudar a ampliar o rol de conhecimentos do professor de geografia no desenvolvimento das atividades escolares.

“A ampliação dos horizontes cinematográficos do professor é fundamental para aumentar o potencial do seu trabalho com o cinema em situações escolares, indo além do “cinemão” comercial”, (NAPOLITANO, 2009, p. 27). Portanto, no rol de gêneros cinematográficos observados no cinema comercial e dos quais foram apresentados nesta pesquisa, 27% dos docentes optaram pelo gênero de animação, além do mais, é o gênero que consiste no filme “Vida Maria” objeto de análise central deste estudo.

No gráfico 3 veremos o quantitativo de professores nesta pesquisa que já ouviram falar do filme “Vida Maria”.

Gráfico –3 Quantitativo de professores que já ouviram falar no filme “Vida Maria”.



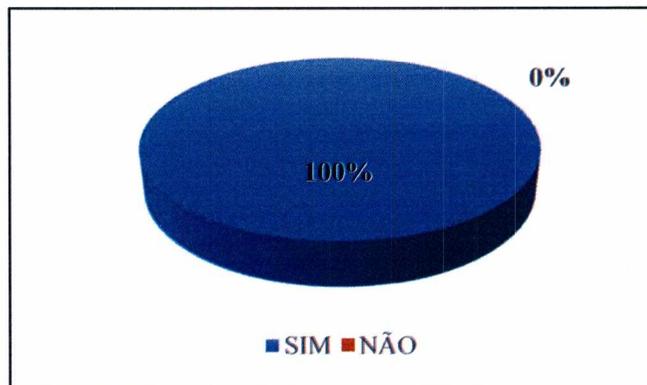
Fonte: Dados da pesquisa

No Gráfico 3, constatou - se que metade dos entrevistados já ouviram falar do filme “Vida Maria” e a outra metade que corresponde 50% desconhecem esse filme. Através desse resultado podemos dizer que metade dos participantes em algum momento da sua docência ou já exibiu essa animação no ambiente escolar, ou somente ouviu falar como pode ser verificado. “Vida Maria” é um filme que traz uma narrativa que pode ser interpretada tanto pelo professor quanto pelo aluno.

Com este filme o professor junto com os alunos poderá interpretar essa instigante história com poucos minutos de exibição, especificamente 9 minutos. Os alunos poderão compreender o que se passa no contexto familiar da geração de “Marias”, inclusive vários elementos contidos nesta obra podem ajuda-los na compreensão desse filme, como os figurinos dos personagens que vão mudando conforme o passar do tempo, a trilha sonora que traz um um toque delicado logo no início da narrativa, a textura e as cores, são elementos marcantes verificados no cenário do filme.

Por conseguinte, buscou – se saber com os docentes, se o filme “Vida Maria” pode favorecer na compreensão de assuntos geográficos, como poderemos ver no gráfico

4. Gráfico – 4 O filme “Vida Maria” na compreensão de assuntos geográficos.



Fonte: Dados da pesquisa/2021

Verificou – se que no gráfico 4, dos 10 (dez) participantes desta pesquisa, 7 (sete) responderam a essa pergunta, logo, resultou em um total correspondente de 100%, na qual disseram que o filme “Vida Maria” pode favorecer na compreensão de assuntos geográficos. É importante explicar, que esse filme pode ser feito várias leituras, levando em consideração aspectos hidrográficos, climáticos e socioeconômicos do sertão Nordeste.

Outro ponto que é possível perceber na narrativa do filme é a questão do trabalho que é algo perceptível na geração das três mulheres dessa família. Nesse contexto, de trabalho desenvolvido em cada espaço. Milton Santos (2001, p.), explica que: “Cada lugar, cada subespaço, assiste, como testemunha e como ator, ao desenrolar simultâneo de várias divisões do trabalho”.

No filme por exemplo existe uma relação com o trabalho que começa a se estabelecer logo, na infância como é verificada no filme. Pode – se dizer que conforme a percepção e compreensão dos alunos, podem até mesmo associar essa questão do trabalho com alguma realidade próxima ou não. Contudo, a construção da análise do filme, pode – se dizer que essas são uma das informações que podem ser captadas no desenvolver do filme e que abre espaço para se interagir com várias outras informações que estão associadas com os elementos vistos na paisagem do filme e a relação que é observada dos personagens com o lugar.

Portanto, “Vida Maria” é um filme em que o professor pode utilizar com as turmas para interpretar e refletir sobre vários acontecimentos que perpassam nos contextos sociais, hidrográficos, e socioeconômicos, que estão contidos na paisagem do filme e que podem gerar ricas interpretações e debates na sala de aula. A questão do quadro -2 é na perspectiva de entender quais dificuldades impedem a utilização de filmes no ensino de geografia.

. Quadro – 2 Dificuldades que impedem a utilização de filmes no ensino de geografia.

RELATO DOS PROFESSORES
<ul style="list-style-type: none"> • <i>O único impedimento, é quando a escola pública não fornece recursos tecnológicos, mas como professor utilizo meu próprio recurso, para tornar a aula mais interessante.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>A questão estrutural das escolas</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Tempo de aula, estrutura da escola, olhar de análise dos alunos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Disponibilidade dos recursos.</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Disponibilidade de recursos por parte da instituição de ensino</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Falta de recursos tecnológicos nas escolas com notebook, Datashow, acesso à internet</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>A falta de aparelhos eletrônicos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Tempo do filme que ultrapassa a aula e temos que pedir pra usar horários de outros professores</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Dificuldade em ter filmes editados para resumos de até 10 minutos</i>
<ul style="list-style-type: none"> • <i>Acho que não impedem, quando queremos podemos levar e fazer uma aula diferente e produtiva</i>

Fonte: Dados da pesquisa, 2021

Quanto aos dados obtidos no quadro 2, observou-se que entre as 10 (dez) respostas descritas pelos professores de geografia, notou-se, várias vezes a seguinte expressão, “falta dos recursos tecnológicos”, ou seja, é possível observar não somente na fala dos professores essa indisponibilidade dos recursos, como é uma condição que é notada muitas das vezes pelas instituições de ensino no país. Além disso, quando se tem esse recurso midiático, na instituição de ensino muitas das vezes pode não estar em condições favoráveis para serem trabalhadas.

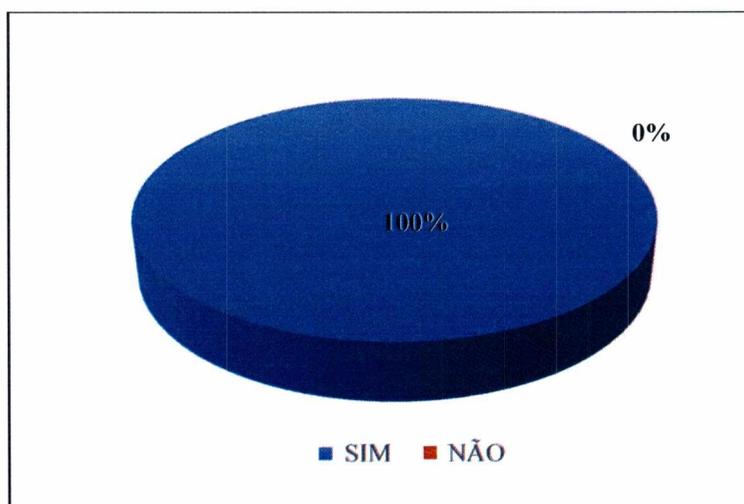
Outro ponto enfatizado pelos professores, quando questionados sobre quais dificuldades impedem a utilização de filmes no ensino de geografia, na resposta 8 consistiu no “tempo do filme que ultrapassa a aula e temos que pedir pra usar horários de

outros professores”. Assim como em outro relato, 9 que enfatizou sobre “dificuldade em ter filmes editados para resumos de até 10 minutos”. Percebe – se que a questão do horário também é algo que dificulta alguns professores na utilização do filme. Alguns autores apresentam dicas que podem ser importantes aliados ao professor na hora de preparar as aulas em um curto espaço de tempo. Para as autoras Porto e Vlach (2015, p. 25).

Explorar apenas algumas cenas pode ser uma prática a ser usada pelo professor, em certos filmes, determinada cena ou uma sequência delas, praticamente apresentam a temática principal. Esta também é uma maneira de solucionar o problema de como exibir longos filmes em horários que variam de 40 a 50 minutos de aula.

É uma alternativa interessante para alguns filmes no qual podem ser sistematizados tranquilamente. Assim, percebeu – se que neste quadro de respostas dois pontos foram bem citados pelos professores, no que diz respeito a questão da falta de recursos tecnológicos e com relação ao horário dos filmes. Assim, pudemos compreender algumas dificuldades que impedem a inserção de filmes no ensino de geografia. Nesse sentido, chamou atenção a resposta 10 colocada da seguinte maneira: “acho que não impedem, quando queremos podemos levar e fazer uma aula diferente e produtiva”.

Gráfico –5 Recursos didáticos para o ensino – aprendizagem dos estudantes.



Fonte: Dados da pesquisa, 2021.

Com base no gráfico 5 constatou – se que 100% dos professores disseram trabalhar outros recursos didáticos para o ensino – aprendizagem dos estudantes. Isso significa dizer que os docentes estão considerando as linguagens como propostas que promovem ou integram conhecimentos para os estudantes.

Diante dos dados obtidos nesta pesquisa constata – se que usar a linguagem filmica na sala de aula não é uma novidade, porém também não é uma prática recorrente, pelo fato de que muitas vezes o professor aguarda que haja as condições técnicas para que ele se disponha a utilizar.

Quanto ao filme Vida Maria, no contexto da pesquisa nunca foi utilizado, embora seja conhecido por alguns professores. É um curta-metragem a ser explorado no ensino em virtude de suas temáticas tão direcionada à Geografia e seus olhares. Essa pesquisa com 10 (dez) professores de Geografia de nível de ensino diverso, deixa como mostra uma constatação de que embora reconheçam o valor do recurso, não utilizam, por fatores diversos.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com relação a esta pesquisa quando iniciou – se por meio de um estudo de caso do filme “Vida Maria” e a relação entre a linguagem fílmica e o ensino de geografia, haviam perspectivas da pesquisadora, estimulada pela orientadora, de entender a respeito desse tema. Em razão disso, os objetivos de analisar a relação entre a linguagem fílmica de Vida Maria no ensino de geografia para a construção de conhecimentos de educação Geográfica foram trabalhados para que se alcançasse as respostas que se desejava encontrar.

Pode-se responder através dos capítulos de que há no filme de forma bem contextualizada, uma Geografia em que se percebe os conceitos básicos de lugar, território, região, espaço e paisagem bem evidentes no cenário, na fotografia e em toda a composição do texto e imagens. Há um Nordeste na lente dos personagens e dos inúmeras falas e silêncios que se revelam e emocionam quem conhece essa realidade. O filme à primeira vista, choca e produz um sentimento de tristeza pela vida daquela menina e das que vieram a seguir as demais Maria José, de sua descendência, potencialmente uma leitora, que perdeu grande oportunidade de mudar sua cosmovisão para além daquele lugar...

Constata – se que o objetivo geral da pesquisa foi atingido, na medida em que conseguiu identificar vários elementos geográficos que trazem conexão com o filme, inclusive no que diz respeito a região Nordeste, abrindo caminhos para a reflexão sobre questões hidrográficas, socioeconômicas simbólicas e culturais dessa região.

O primeiro objetivo específico neste estudo, consistiu em identificar outras linguagens no ensino de geografia para a construção de conhecimentos no contexto da educação geográfica, nesse sentido, verifica – se que as expectativas foram atendidas porque conseguiu englobar vários autores que trazem estudos e contribuições com linguagens que podem ser trabalhadas pelo professor na educação geográfica.

No segundo objetivo que significa, reconhecer na linguagem fílmica um instrumento pedagógico facilitador para o ensino das temáticas geográficas, foram elencadas várias discussões no que diz respeito a linguagem fílmica com pensamentos de vários autores que abordam sobre essas duas ciências e no terceiro objetivo específico visou discutir a respeito do ensinar geografia a partir do filme Vida Maria com narrativas

e recursos imagéticos, tal perspectiva atingiu o que foi proposto porque houve uma descrição e uma análise geográfica a respeito do respectivo filme.

Durante a construção do trabalho, foram observados vários elementos do filme “Vida Maria”, que podem ser relacionadas com questões geográficas, ou seja, podem servir com seus elementos para o entendimento de conceitos geográficos, como é o caso da paisagem. Além do mais oportuniza o sujeito a refletir sobre as relações que ocorrem em um determinado território. Outro ponto que cabe ser colocado é com relação a questão, socioeconômica e as fragilidades presentes nessa estrutura familiar, que possibilita a reflexão sobre a importância do ensino e da instituição escolar para os sujeitos.

Foram utilizadas várias obras de autores como Milton Santos, Ruy Moreira, Cavalcanti, Fioravante, Silva, para explicar e contribuir acerca das discussões envolvendo abordagens teóricas e conceituais. Para a pesquisadora, fica a satisfação do trabalho concluído e ao mesmo tempo a insatisfação com as limitações para realizá-lo em função desse difícil período, como é o caso dos dados que poderiam ter tido um quantitativo maior de professores respondendo à pesquisa.

Como professora em formação, esse trabalho permitiu observar e aprender a riqueza metodológica que esse trabalho permite ver. Da mesma forma, abriu a possibilidade de experimentar, mergulhar com mais intensidade na pesquisa da linguagem fílmica para ensinar Geografia. Lembrando que esse filme não permite somente analisar sobre o ponto de vista geográfico, é possível trabalhar com outras disciplinas como é o caso da sociologia e de maneira interdisciplinar. Outra maneira de delimitar é acerca do espaço rural, por meio dos conceitos geográficos como é o caso do conceito de paisagem, assim, diante do exposto, acredita – se que o filme “Vida Maria” pode agregar positivamente no âmbito escolar geográfico.

Portanto, novas perguntas surgem a partir desta conclusão: quantas Marias estão neste espaço nordestino necessitando de escola, condições sanitárias e educacionais para sobreviverem dignamente e terem cidadania?

8 REFERÊNCIAS

AZEVEDO. A. F. Geografia e Cinema. Cinema, música e espaço. In. CORRÊA. R. L.; ROSENDAHL. Z. **Cinema, música e espaço**. Rio de Janeiro: EDUERJ, 2009.L

BARBOSA, Jorge Luiz. Geografia e Cinema: em busca de aproximações e do inesperado. In: CARLOS, Ana Fani A. (Org). **A Geografia na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

BARBOSA, M. E. S. A Geografia na escola: espaço tempo e possibilidades. In. **Revista de Ensino de Geografia**, Uberlândia, v. 7, n. 12, p. 82- 113 jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.revistaensinogeografia.ig.ufu.br/N12/Art-7-Revista-Ensino-Geografia-v7-n12-Barbosa.pdf> Acesso em: 20 de julho de 2020.

BERNARDES, N. **As caatingas. Estudos Avançados**, USP, v. 13. N. 36, 1999.

BRASIL, Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular**. Brasília: MEC/ 2017.Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal_site.pdf> Acesso em: 11 de jan. 2021.

BRASIL, Parâmetros Curriculares Nacionais, terceiro e quarto ciclos do ensino fundamental – **introdução aos parâmetros curriculares Nacionais** – Brasília 1998, disponível em:<<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/introducao.pdf>> Acesso em: 11 de jan. 2020.

BRASIL. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) **Censo Agro 2017**. Disponível em:< <https://censos.ibge.gov.br/2012-agencia-de-noticias/noticias/25882-extrema-pobreza-atinge-13-5-milhoes-de-pessoas-e-chega-ao-maior-nivel-em-7-anos.html>> Acesso em: 15 de jan. 2020.

BRASIL, Presidência da República, Casa Civil, Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei 13.006 de 26 de junho de 2014**. Disponível em:<http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_Ato2011-2014/2014/Lei/L13006.htm>. Acesso em: 11 de dezembro de 2020.

BURACH. C.A. **Materialidades audiovisuais: uma proposta de leitura discursiva para o ensino médio**. Dissertação de (mestrado) – Universidade Estadual de Maringá, Centro de Ciências humanas, letras e Artes, programa de Pós graduação em letras, 2017.

CALLAI, H.C. A geografia ensinada: os desafios de uma educação geográfica. In: MORAIS, E.M.B; MORAIS, L. B. (Org). **Formação de professores: conteúdos e metodologias no ensino de geografia**. Goiânia: Vieira,15-37, 2010.

CAMPOS.R. R. Cinema. Geografia e sala de aula. **Estudos Geográficos**, Rio Claro, v.4 n. 1, p. 1-22, junho – 2006.

CARVALHO JÚNIOR, Geografia e Filosofia: novos horizontes nas paisagens da complexidade. **Geosul**. V. 31. n. 61,2016.

CHIAPETTI, R.N.; FREITAS, G.M. Os filmes como instrumento didático – pedagógico para o ensino de geografia. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v. 23, p, 2019.

CATELLI. R. E. O cinema educativo nos anos de 1920 e 1930: algumas tendencias presentes na bibliografia contemporânea. **Intertexto**, Porto Alegre: UFRGS, v.1, n. 12, p. 1-15, jan. /jun. 2005.

CAVALCANTE, Lana de Souza. **Geografia, escola e construção de conhecimentos**.13º ed. Papyrus, 2010.

CAVALCANTE, Lana de Souza. A Geografia e a Realidade escolar contemporânea: avanços, caminhos, alternativas. In. **Anais do Seminário Nacional: Currículo em movimento - Perspectivas Atuais**, Belo Horizonte, novembro de 2010.

COUTINHO, L.M. **Diálogos Cinema – Escola**, Série TV- ESCOLA – Ministério da Educação e Cultura, 2009.

DANTAS, A.; BARBOSA, J. R. A. **Instrumentação para o Ensino de Geografia III**. 2ª ed. Natal: EDUFRN, 2011.

DUARTE, Rosália. **Cinema & Educação**. Belo Horizonte: Autêntica,2002.

EUNICE, Isaias da Silva. Linguagens alternativas no ensino de geografia. In: MORAES, E.M.B e MORAES, L.B. **FORMAÇÃO DE PROFESSORES: conteúdos e metodologias no ensino de geografia**. Goiânia, editora: Vieira, 2010.

FILHO, Antônio Carlos Queiroz. **A Geografia vai ao cinema**. RESGATE – vol. XIX, Nº p. 61 – 70. jan./jun. 2011

FIORAVANTE, Karina Eugenia. Geografia e cinema: a releitura dos conceitos de espaço, paisagem e lugar a partir das imagens em movimento. **Ateliê Geográfico - Goiânia – GO**, v. 12, n. 1, p. 272-297, 2018.

FIORAVANTE, K.E.; NABOZNY, A. Os Espaços e Paisagens Fílmicos e a Teoria de Gêneros: um ensaio sobre o Western no Cinema. **Caderno de Geografia**, v. 29, n.56, p.195-220, 2019.

FIORAVANTE, Karina Eugenia. **Geografia e Cinema: a produção cinematográfica e a construção do conhecimento geográfico** – Rio de janeiro, 287 f. Tese (Doutorado)

Universidade Federal do Rio de Janeiro, instituto de Geociências, departamento de geografia, programa de pós graduação em geografia. 2016.

FRIGOTTO, T.S.; HOERPERS, R.; MUTERLLE, J.C. A LINGUAGEM FILMICA NAS AULAS DE GEOGRAFIA. A linguagem filmica nas aulas de geografia. In: X **Congresso Nacional de Educação- EDUCERE e I Seminário internacional de Representações Sociais e Subjetividades de Educação- SIRSSE**. 2011. Curitiba. Formação para mudanças no contexto da educação política, representações sociais e práticas, 2011.

FUSARI, J.C. A linguagem do cinema no currículo do ensino médio: um recurso para o professor. In: Tozzi, Devanil... [e outros]. - (org.) **Caderno de cinema do professor: dois**. São Paulo: Secretária da Educação, fundação para o desenvolvimento da Educação-FDE, 2009.

GEBRAN. R.A. A GEOGRAFIA NO ENSINO FUNDAMENTAL – TRAJETÓRIA HISTÓRICA E PREPOSIÇÕES PEDAGÓGICAS. In: **Revista Científica da Universidade do Oeste Paulista – UNOESTE**. v.1, n.1, p. 81 -88, jul./dez, 2003.

GOLDENBERG, Mirian. **A arte de pesquisar**, como fazer pesquisa qualitativa em ciências sociais. Editora Record. 2004.

Gil, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. Sexta edição. São Paulo: Atlas, 2008

MARANHÃO. Documento Curricular do Território Maranhense.: **R Para a educação infantil e o ensino fundamental**. Rio de Janeiro: FGV, 2019 Disponível em:<http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/implementacao/curriculos_estados/documento_curricular_ma.pdf> Acesso em: 10 de jan. 2021.

MEDEIROS, Pierre Campos. **O ensino de geografia e a narrativa fílmica: o contexto ficcional do filme a Era do Gelo 4**. Cajazeiras, Monografia (Licenciatura em Geografia) UFCG/ CFP, 2017.

MELO.K.C.; MEDEIROS. A.F.; SILVA. A. A. Uma linguagem alternativa no ensino escolar: as histórias em quadrinhos na mediação do ensino e aprendizagem da geografia. **Ateliê Geográfico**. Goiânia – Go, v. 7, n. 1, p. 260 – 283, abril/ 2013.

MESSIAS, Renata Michele; BEZERRA, Josué de Alencar. Cinema e Geografia: O filme como instrumento didático no ensino de geografia. In: **Revista de Geografia (Recife)** v. 35, No. 3, 2018.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social: método e criatividade**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2002.

MOREIRA, Ruy. **Pensar e ser em geografia: ensaios de história, epistemologia e ontologia do espaço geográfico**. São Paulo: editora contexto, 2007.

MOREIRA, Tiago de Almeida. Ensino de Geografia com o uso de filmes no Brasil. **Revista do Departamento de Geografia da Universidade de São Paulo**, v.23, p. 55-82, 2012.

MORETTIN, Eduardo. experiência cultural e escolar. In: Tozzi, Devanil... [e outros]. - (org.) **Caderno de cinema do professor: dois**. São Paulo: Secretária da Educação, fundação para o desenvolvimento da Educação- FDE, 2009.

MOREIRA, K.S; COSTA, L.R.F Cinema e Ensino de Geografia na Escola Maria Luiza Sabóia Ribeiro – Paracuru (CE). **Geosaberes**, Fortaleza, v.6, n. 03, p. 02-15, Universidade Federal do Ceará fev. 2016.

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2, ed.- São Paulo: Cortez / Brasília. DF: UNESCO, 2011.

NAPOLITANO, M. **Como usar o cinema na sala de aula**. São Paulo: Editora contexto, 2008.

NAPOLITANO, Marcos. Cinema: experiência cultural e escolar. In: Tozzi, Devanil... [e outros]. - (org.) **Caderno de cinema do professor: dois**. São Paulo: Secretária da Educação, fundação para o desenvolvimento da Educação- FDE, 2009

OLIVA, Jaime Tadeu. Ensino de Geografia: um retrato desnecessário In: CARLOS, Ana Fani A. (Org). **A Geografia na sala de aula**. 5.ed. São Paulo: Contexto, 2003.

OLIVEIRA Jr., W. M; GIRARDI, G. Diferentes linguagens no ensino de geografia. In: XI Encontro Nacional de Prática de Ensino de Geografia (ENPEG), 2011, Goiânia-GO. **ANAIS XI ENPEG**. Goiânia: UFRGS, 2011. Disponível em <https://poesionline.files.wordpress.com/2015/02/oliveirajrgirardi-20111.pdf>.> Acesso em: 10 jun. 2021.

PARANÁ. **Diretrizes Curriculares da Educação Geografia**. Paraná, 2008. Disponível em:http://www.educadores.diaadia.pr.gov.br/arquivos/File/diretrizes/dce_geo.pdf. Acesso em:10 fev. 2021.

PENAFRIA, Manuela. Análise de filmes conceitos e metodologias. **VI Congresso SOPCOM**, abril de 2009. Disponível em:< <http://www.bocc.ubi.pt/pag/bocc-penafria-analise.pdf>> Acesso em: 12 de jan. 2021.

Pesquisa Nacional por Amostra de domicílios Contínua (PNAD), **Educação 2018** Disponível em: <file:///D:/liv101657_informativo.pdf%20PNAD.pdf> Acesso em: 11 fev. 2021.

PEREIRA, Suellen Silva. A música no ensino de geografia: abordagem lúdica do semiárido nordestino- uma proposta didática – pedagógica. In: **Geografia Ensino & Pesquisa**, vol.16, n.3. p. 137-148. set./dez.2012.

PONTUSCHKA, N.N.; PAGANELLI, T. I; CACETE, N.H. **Para ensinar e aprender geografia**. São Paulo: Cortez, 2009.

PORTO, I.M.R.; VLACH, V.R.F. **Ensino de Geografia, diversidade, cidadania: aprendizagens em construção**. Editora UEMA, 2015

Portal Educação, **Síntese do filme “Vida Maria” com o Planejamento educacional**. Disponível em: <https://siteantigo.portaleducacao.com.br/conteudo/artigos/cotidiano/sintese-do-filme-vida-maria-com-o-planejamento-educacional/48818> Acesso em: 23 de jun 2020.

SANTOS, R.C.E.; CHIAPETTI, R.J. N. Uma investigação sobre o uso das diversas linguagens no ensino de geografia: uma interface teoria e prática. **Geografia Ensino & Pesquisa**, v.15, n.3, p. 167-184, set/ dez. 2011.

SANTOS, R.J.; COSTA, C, L.; KINN, M.G. Ensino de geografia e novas linguagens, In. BUITONI, M. S. (Coord.). **Geografia Ensino Fundamental**. V. 22. Brasília: Ministério da Educação/ Secretaria de Educação Básica, 2010.

SANTOS JÚNIOR. V.B.; MONTEIRO. J. C. S. EDUCAÇÃO E COVID-19: AS TECNOLOGIAS DIGITAIS MEDIANDO A APRENDIZAGEM EM TEMPOS DE PANDEMIA. In: **Encantar - Educação, Cultura e Sociedade**, v. 2, p. 01-15, jan./dez. 2020.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção**. 4 ed.2. reimpr. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2006.

SANTOS, Milton. O Dinheiro e o Território- **GEOgraphia** – Ano. I – Nº 1- 1999.

SILVA, E.I.; CAVALCANTI, L. A mediação do ensino-aprendizagem de Geografia, por Charges, Cartuns e tiras de quadrinhos. In: **Boletim Goiano de Geografia**, Goiânia, v.28, n.2, p. 141- 156, Jul/dez. 2008.

SIMIELLI, Maria Elena Ramos. Cartografia no ensino fundamental e médio. In. CARLOS, A.F.A (Org.) **A geografia na sala de aula**. São Paulo. 5.ed. Editora contexto, 2003.

TEIXEIRA, I. A, C.; LOPES, J. S. M. **A escola vai ao cinema**. 2 ed.- Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2, ed. – Porto Alegre: Bookman, 2001.

VESENTINI, José Willian. Educação e ensino da geografia: Instrumentos de dominação e/ou de libertação. In. CARLOS, A. F.A. (Org.) **A geografia na sala de aula**. São Paulo. 5. ed. Editora Contexto, 2003.

Vida Maria. direção de Marcio Ramos. Brasil 2006, 8,35 min. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=yFpoG_htum4.> Acesso em: 16 de março de 2020.

APÊNDICE – APLICAÇÃO DA PESQUISA

Senhor(a) Professor(a),

Este é um convite para sua participação em uma pesquisa de Conclusão de Curso que tem como foco na utilização da linguagem fílmica no ensino de Geografia. É um Projeto orientado pela Prof.^a Dra. Iris Maria Ribeiro Porto e tem como título a linguagem fílmica e a sua relação com o ensino de geografia: um estudo de caso sobre o filme “Vida Maria”.

Aluna: Anaildes da Silva Cantanhede

Orientadora: Prof.^a Dra. Iris Maria Ribeiro Rocha

- 1) Você costuma utilizar filmes nas aulas de geografia?
- 2) Você considera o filme um recurso pedagógico para o ensino de geografia?
- 3) Conforme sua prática docente, com que frequência você costuma trabalhar com filmes no ensino de geografia?
- 4) Você já ouviu falar no filme “Vida Maria”
- 5) Você acha que o filme Vida Maria pode favorecer na compreensão de assuntos geográficos?
- 6) Qual gêneros cinematográficos você costuma utilizar nas aulas de geografia?

() Drama
() suspense
() Aventura

() outros.

7) Na sua opinião, quais dificuldades impedem a utilização de filmes no ensino de geografia?

8) Você costuma trabalhar outros recursos didáticos para o ensino – aprendizagem dos estudantes?